



filhos da violência

ISBN: 978-65-01-72578-9



9 786501 725789

Círculo
Catarinense
de Cultura



Fundação
Catarinense
de Cultura



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**



POLÍTICA NACIONAL
**ALDIR
BLANC**

MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Júlia Steffen

filhos da violência

Dados de Catalogação na Publicação

Filhos da violência [livro eletrônico] / Júlia Steffen; projeto gráfico e diagramação Maria Luiza Amorim; revisão de Sabrina Zanon. 1. ed. -- Florianópolis, SC : Ed. da Autora, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-72578-9

1. Violência contra mulheres. 2. Relatos pessoais.
3. Feminicídio. 4. Experiências de vida. 5. Superação.
I. Steffen, Júlia. II. Amorim, Maria Luiza. III. Zanon, Sabrina

C D D - 9 2 0

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografias 920

Alice de A.Borges Vazquez - Bibliotecária - CRB - 14/865

© 2025, Julia Steffen.

Capa
Júlia Steffen e Maria Luiza Amorim

Projeto Gráfico e Diagramação
Maria Luiza Amorim

Ilustrações
Júlia Steffen

Revisão de Texto
Sabrina Zanon

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução integral, solicita-se entrar em contato com a autora.

Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal e da Política Nacional Aldir Blanc.

Circuito Catarinense de Cultura PNAB SC - 2024

Dedico este livro a todas as mulheres que morreram lutando pela sua vida e pela vida dos seus filhos. Dedico também a todas as mulheres que foram vítimas de violências e aos filhos destas mulheres, que juntos sobreviveram e são resistência

10	<i>Apresentação</i>
14	<i>Conto 01: Eduardo</i>
32	<i>Conto 02: Laura</i>
50	<i>Conto 03: Ana Paula</i>
68	<i>Conto 04: Maria</i>
82	<i>Conto 05: Beatriz</i>
96	<i>Conto 06: Manuela</i>
112	<i>Conto 07: Bianca</i>
126	<i>Conto 08: Olívia</i>
138	<i>Conto 09: Keila</i>
154	<i>Conto 10: Thais</i>

Este projeto nasceu como um desdobramento do meu processo artístico que desenvolvo desde 2018: contar histórias de mulheres vítimas de violência, ou seja, tentar contar a história de quase todas as mulheres.

Em 2016 fui vítima de estupro, por um suposto amigo, na época em que eu estudava a minha graduação em Design na Universidade Federal de Santa Catarina. Depois disso, foi um ano em silêncio e mais outro de recuperação, para isso se desdobrar e desencadear uma mudança total em como eu enxergava o mundo e no meu processo artístico. Na ânsia de lidar com o trauma pessoal e dialogar com mais mulheres, fui desenvolvendo projetos que buscaram e buscam ouvir e valorizar a história de diversas mulheres que passaram pelos mais diversos tipos de violência.

Tenho isso como uma missão de vida, que ainda desenvolvo nos horários que tenho livre, em torno dos trabalhos que pagam as contas. Desenvolvo e acredito nesse processo artístico e de escrita como quem acredita no ar que respira: é o que me mantém viva.

É o que me cura dia a dia: contar e tentar dar visibilidade para histórias e vivências de mulheres que sobreviveram (ou não) a casos de violência. Neste livro, conto não só a história das mulheres que sofreram a violência diretamente, mas principalmente a história dos seus filhos, que assistiram e sofreram também a violência de crescer ou viver em um lar em que a mãe sofreu diariamente. Que viveram a vida que nenhuma criança, adolescente ou adulto merece viver.

Este não é um livro fácil de ser lido, mas é um livro real. Baseado em histórias reais, ele foi desenvolvido através de entrevistas com pessoas que passaram por quase todos os fatos relatados nestas páginas. Os nomes foram modificados para evitar prejudicar de alguma forma as pessoas que tiveram essa bondade de compartilhar momentos tão traumáticos (com exceção do conto que relata a história de Maria Abdalla, filha de Alessandra Abdalla, vítima de feminicídio, com o objetivo de reforçar a memória de sua mãe). Este livro não tem como objetivo mostrar quem são estas pessoas, como um sujeito individual, mas mostrar que estas são histórias que

se repetem, que formam histórias coletivas. São histórias coletivas em sujeitos individuais.

Os contos podem despertar gatilhos em quem já sofreu violência, mas ao mesmo tempo, eles ultrapassam a questão da violência também. Falam de quem essas pessoas são hoje e de como elas transformaram ou ainda transformam, dia a dia, a violência em resistência.

Somos mais do que aquilo que as outras pessoas fizeram com a gente.

Eduardo é um homem de 30 anos, negro, mas ele nem sempre se reconheceu assim, até ir morar em Curitiba, no Sul do Brasil. Foi uma criança e adolescente favelado e pobre, mas disso ele nunca teve dúvida. Desde criança, era parado por homens fardados, que sempre perguntavam o que ele fazia naquele espaço. Independente de qual era o espaço: se era na rua de casa, no shopping, no mercado ou na rua onde seu pai estava trabalhando arrumando apartamento de gente rica. A pobreza também nunca foi uma dúvida: com 30 anos, ele ainda lembra de salivar quando ouvia o slogan que passava na televisão em 2007: “Frutas, leite e pão com nutella”. Quando ouviu essa propaganda pela primeira vez, roubou a nutella do mercado no dia seguinte, e comeu antes de chegar em casa, pro pai não descobrir.

Edgar, pai de Eduardo, veio de uma cidade do estado de São Paulo, mas a família veio de Minas Gerais. Ele viu a mãe se matar tomando ácido sulfúrico na frente dele, quando tinha três anos. Ela apanhava muito e preferiu tirar a própria vida, antes que o marido tirasse. O pai, que era

caminhoneiro, abandonou os filhos e nunca mais voltou. Ninguém sabe se tá vivo, ou se tá morto. Então Edgar foi morar com o tio, que espancava ele sempre que podia. Foi tentar a vida no Rio de Janeiro, e a única coisa que ele conseguiu foi acabar na rua. Depois foi pra São Paulo. E de uma forma ou de outra, ele cresceu não entendendo nada sobre o amor. Por algum motivo, se apaixonou por Olga. E tudo o que ele sabia sobre o amor, ele colocou nessa relação: era soco, tapa e chute.

Olga veio da Bahia com a mãe, o pai e mais alguns irmãos. Outros irmãos ainda nasceriam em São Paulo. A relação dos dois fala muito sobre a história do brasileiro pobre, que migrou de outros estados do Brasil atrás da tão sonhada mudança de vida em São Paulo no século passado. O sonho paulista.

Os pais da Olga tinham um relacionamento muito bom, principalmente se vemos a década em que esse relacionamento existiu. A mãe dela era descendente de indígena e o pai era preto, descendente de escravizados no Brasil.

A escravidão parece algo longe na mentalidade da gente, mas o bisavô do Eduardo ainda tinha nascido dentro da senzala. O tataravô era escravizado.

E desse amor, de Edgar e Olga, nasceram 3 filhos: duas meninas e um menino. Eduardo é o único homem, nascido no meio de duas mulheres. A concepção dele foi justamente em uma reconciliação de briga, onde teve mais soco, tapa e chute.

E de algum jeito, ele cresceu (ou subexistiu) dentro dessa casa, na Vila Nova Cachoeirinha, um distrito com mais de 150 mil habitantes em São Paulo. Cresceu convivendo com a violência dentro de casa, achando, na infância, que esse era o normal. O comum; que acontecia em todas as casas.

Ele achou que era normal quando mijou na calça quando tinha oito anos, depois que o pai deu um soco no peito dele. Ele achou que era normal quando defendeu a mãe, no meio de uma briga, se colocando no meio dela e do pai, levando um golpe de pá nas costas. Ele cresceu achando que

era normal quando a polícia batia em casa pra supostamente ajudar, e só o que eles faziam era pedir pra irmã mais velha fazer um copo de água com açúcar pra acalmar a Olga, e ainda saiam da casa apertando a mão do pai.

A violência era tanta, que ele apagou muitos fatos da memória. Quando ele tinha 28 anos, já morando em Florianópolis, os traficantes da rua em que ele nasceu ligaram pra ele, dizendo que ele deveria dar um jeito no pai, que tava ameaçando as crianças com arma na rua, por estarem fazendo muito barulho. Ele não entendeu nada. Não lembrava de ter visto o pai com uma arma na mão. Mas Olga já sabia, desde que se casou, todos os detalhes da arma que o marido tinha. Com certeza, o medo dela fazia ela lembrar de cada pequeno detalhe: o peso, o tamanho, o brilho... E o que ela tinha medo de descobrir: o barulho que ela podia fazer se fosse disparada. O medo era tanto, que ela dormia todos os dias com uma faca debaixo do travesseiro. Todos os dias com medo de morrer.

E além da violência, a pobreza sempre acompanhou Eduardo. O pai chegou a ganhar muito bem, trabalhando com elétrica pra várias casas de gente rica... Até chegou a fazer a elétrica de shopping em São Paulo. Mas tudo ia pra bebida no bar perto de casa. Eduardo tinha o sonho de comer pizza e pedia pra mãe. Olga, que não tinha como comprar uma pizza, fez um mingau de fubá mais consistente, amassou no formato circular da pizza e colocou manteiga em cima. Essa foi a primeira pizza que o Eduardo provou na vida, quando tinha 5 anos.

O álcool Edgar bebia todo dia. Ele saía do trabalho, passava no bar, e ia pra casa. E os dois filhos mais velhos já sabiam: quando ele chegasse em casa, não podiam mais comer, não podiam falar, não podiam andar pela casa. Tinham que ficar quietos, dentro do quarto, fingindo que estavam dormindo. Se levantassem da cama, tinha que ser na pontinha dos pés. E por isso, Eduardo, hoje com 30 anos, ainda anda na pontinha dos pés dentro da casa em que ele vive com a esposa, com medo de acordar o seu pai na infância.

Isso quando ele não chegava em casa e ia direto espancar a Olga. Ou chegava em casa, dizia que a comida não tava do agrado dele, e jogava toda a comida, junto com a panela, no quintal de casa, dizendo que aquilo não servia nem pra bicho. Às vezes, também jogava em cima da Olga. Falando em bicho, ele também matava os cachorros da casa na porrada ou sufocados. Ou abandonava na estrada da Cantareira, ainda filhotinhos, bem pequenininhos, pra que eles morressem de fome ou atropelados.

Até que teve um dia que a Olga não aguentou mais. A Maria, irmã mais velha, e o Eduardo, foram pra uma festa de aniversário de um tio-avô, no Morro Doce, um bairro na Zona Noroeste de São Paulo. A Larissa, mais nova, ficou, porque ainda era bebê de colo, com menos de um ano de idade. Nesse meio tempo, enquanto os dois filhos estavam fora, Olga viu que não tinha nada em casa pra fazer o almoço pro marido e falou pra eles irem no mercado. Mas Edgar odiava ir no mercado. Odiava mesmo, ainda mais porque tava sem carro, já que tinha sido roubado. Então eles foram os dois no mercado, com a Olga

carregando a Larissa pequena pra cima e pra baixo nas ladeiras, e o Edgar carregando as compras. E até hoje ninguém sabe dizer se era o calor por ter que subir o escadão da favela, se era o fato de ter que estar carregando compras porque o carro foi roubado ou se era porque o horário de bater o ponto pra beber no bar tava passando e ele ainda não tinha conseguido chegar lá. A única coisa que todos têm certeza é que a Olga não aguentou quando ele empurrou ela com a filha no colo, e a Larissa bateu a cabeça, com menos de um ano, no botijão de gás. E ironicamente, hoje a filha acha que é uma boa coisa ser a preferida do pai. De repente, é porque ela não lembra que ele quase matou ela, porque tava com raiva de qualquer coisa que ele julgou mais importante do que a vida da própria filha.

O Eduardo e a Maria dormiram lá no Morro Doce, com a tia que tinha levado eles pra festinha de aniversário. Quando tudo aconteceu, a Olga ligou pra irmã e disse que não aguentava mais, que dessa vez queria ir embora e que não iria ter volta. Eles voltaram correndo de manhã, sem entender nada. Quando chegaram em casa,

a tia explicou que eles tinham que pegar tudo o mais rápido possível e sair correndo. Deram uma mochila pro Eduardo, e ele lembra de puxar as roupas que ele gostava mais e enfiar lá dentro de uma vez só. Em cinco minutos já tinham saído da casa. Ele tinha uns 10 anos de idade.

Foram pra casa da madrinha do Eduardo, irmã da Olga, que sempre acolheu eles. A madrinha dele, Ana, sempre foi a pessoa que ele mais amou na família. Talvez porque ela conseguiu ter um olhar, que só a Camila, esposa do tio mais novo dele, Gilson, também teve. Um olhar de quem entendia que o Eduardo merecia amor, porque a vida tinha sido muito dura pra ele, desde muito cedo. Que apesar dos erros que ele cometeu durante a vida, ele ainda merecia ser olhado como uma pessoa que merece amor e cuidado. A madrinha dele fez a única festa de aniversário grande que ele teve na vida, num sítio. Todo mundo reunido, tomando banho de piscina. Até que ela morreu de lúpus quando o Eduardo tinha 15 anos, e ali, muito do pouco que ele tinha de amor no coração, também morreu junto.

Quando eles saíram de casa, a Olga foi trabalhar em um shopping, limpando a praça de alimentação. Fazia supletivo, porque queria estudar mais e dar uma vida melhor pros filhos. Mas isso nunca aconteceu. Ela quis recuperar o tempo perdido, e sair pra cuidar da própria vida, sair de noite. E a filha mais velha, Maria, com 15 anos, não queria mais cuidar dos irmãos pra mãe poder sair, ela queria ter a própria vida. Então elas brigaram, e os três filhos voltaram a morar com o pai. A Olga saiu da violência, mas não tirou os três filhos de lá. Quando eles chegaram na casa do pai com as mochilas, ele não demonstrou nenhuma reação. Não fazia diferença se eles morassem lá ou não.

Quando o Eduardo tinha 15 anos, a Maria já tinha saído de casa. Tinha achado um namorado e foi morar junto, pra poder sair do inferno que era morar ali. Um dia o Edgar chegou podre de bêbado, e deu 540 reais pro Eduardo poder pagar a moça que limpava a casa e cuidava da irmã menor. A moça não veio buscar, e o Eduardo devolveu o dinheiro pro pai. E depois que ele ficou sóbrio, veio perguntar de novo pro Eduardo onde

tava o dinheiro. E ele não acreditou quando o Eduardo disse que já tinha devolvido. Colocou uma faca no pescoço do Eduardo, deu um soco na barriga dele e mandou ele nunca mais voltar lá. Pela segunda vez, cinco anos depois da primeira, ele saía de casa só com uma mochila.

Ele passou na frente da casa de uma tia, mas o carro não tava em casa. Foi pra casa de outra, e ficou morando lá de favor. Na verdade, favor não é muito bem a palavra certa, já que ele trabalhava como um empregado, limpando toda a casa, fazendo comida e deixando tudo arrumado pros filhos dela. Nessa época, ele entrou na Igreja Evangélica, porque o marido da tia Amália era bandido e agora era pastor. De alguma forma, a igreja, naquela época, fez com que ele ficasse vivo. Ele ficou menos de um ano morando lá, e depois voltou pra casa do pai, que mandou ele embora de novo, porque o Eduardo tinha aberto uma maionese. E assim ele foi tirado de casa pela terceira vez.

Pedi pra ir morar com a mãe, mas o novo marido dela não deixava ela trazer os filhos.

Na verdade, Eduardo nem sabe muito bem se a mãe queria morar com os filhos também. Ficou uns dias na casa do Gilson e da tia Camila. Depois foi morar sozinho. Teve um tempo que ficou sem trabalho, e não teve como pagar aluguel. Até conseguir um trabalho novo, dormia na escada do Metrô da Paulista, ou pegava ônibus e dormia no fundo. Pra tomar banho e comer, ia na casa dos tios e dizia que tava passando por perto, porque sabia que eles iriam convidar pra comer. Desistiu da escola, porque o trabalho novo que tinha conseguido era longe, e ele tava muito cansado pra ir pra escola. Ou porque também já nem via mais sentido naquilo, porque o importante era trabalhar e pagar as contas naquele momento, e não daqui não sei quantos anos quando ele se formasse. E assim, de alguma forma, ele sobreviveu e virou adulto.

Se meteu em algumas coisas erradas na vida. A falta de dinheiro fez ele um dia sonhar em entrar pro tráfico, porque ele via os traficantes com muito dinheiro, sem nada faltando em casa e com as roupas combinando. Mas um dia, um amigo dele, Henrique, fez ele entender que aquela vida

não era pra ele, porque *pra trabalhar no tráfico tem que ter o coração frio*. Um dia, Eduardo viu pelo Facebook que o Henrique, que tava metido no tráfico, morreu. Por outros motivos, Eduardo também decepcionou a família, e resolveu ir embora de São Paulo, porque não aguentava mais errar.

Não avisou ninguém, pegou uma mala de viagem vermelha que tinha, que tava toda acabada, comprou a passagem e foi pra Curitiba. Buscou um hostel pra morar em troca de trabalho, e foi morar na Rua XV de Novembro, perto da reitoria da Federal do Paraná, no centro da cidade. Chegou dois dias antes de começar a pandemia do Covid-19. Na obrigação de ficar dentro do hostel, conheceu a Bruna, uma mulher de Florianópolis, que tinha ido fazer o Mestrado em Curitiba. De alguma forma, eles se apaixonaram e se aproximaram cada vez mais durante os três meses em que ficaram juntos, trancados em casa, devido ao lockdown. O pai da Bruna morreu e o Eduardo ficou ali todos os dias ao lado dela, impedindo que ela desistisse da vida.

Eles se mudaram várias vezes em Curitiba, vivendo de pensionato em pensionato, até conseguirem alugar uma kitnet. Com um ano de namoro, Eduardo a pediu em casamento, e logo que as aulas do mestrado terminaram, foram morar em Florianópolis. A última coisa que Eduardo estava buscando, quando se mudou pro Sul do Brasil, era encontrar um amor, alguém pra compartilhar a vida. Na verdade, ele só queria conseguir se manter vivo. Mas ali, uma vontade de recomeçar renasceu.

Antes de morrer, o sogro tinha comentado que ele deveria voltar a estudar, porque era muito inteligente. E talvez em memória a ele, Eduardo terminou o ensino médio e passou no vestibular pra Ciências Sociais, na Universidade Federal de Santa Catarina. Foi o primeiro da família a entrar em uma universidade pública, orgulhosamente pelas cotas pra pessoas negras. Na faculdade, entrou também na militância, e hoje trabalha com a política.

O mais louco de tudo isso é que mesmo ocupando tantos espaços que nunca imaginou estar, ele

ainda lembra. Ele lembrou esses dias, quando estava no Centro Acadêmico do seu curso, e ouviu um barulho de um exaustor, que levantou um calafrio que há muito tempo não sentia, porque o barulho era idêntico àquele que o portão fazia quando o pai voltava do bar e acabava batendo nele e na mãe. Ele lembra todo dia 27 de março, quando faz aniversário, que quando completou sete anos tiveram que cobrir com um lençol o buraco na parede que o soco do Edgar atingiu, ao invés de atingir a cara da mãe. Ele lembra, toda vez que vai colocar gelo em um copo, que um dia o Edgar bateu na cabeça da Olga com uma garrafa pet com água congelada, e viu o sangue escorrendo pela cara da mãe, porque o pai não deixava ela limpar.

A violência que ele passou quando criança, hoje se materializa na violência que ele sofre por ser negro, em uma cidade tão racista quanto Florianópolis, na região mais racista do Brasil. Se materializa quando ele sofre violência policial ao sair de noite na rua. Ou quando ganha um soco na costela por não ficar quieto enquanto tomava um enquadro, esperando a esposa

terminar de atender um cliente na Lagoa da Conceição. Ou quando foi espancado por um policial no bairro em que mora, quando sofreu um acidente porque dormiu no volante, e o policial apontou a arma na cabeça dele e perguntou *o que ele tava fazendo num bairro daquele*. Mas resiste.

Com 30 anos, foi oficialmente diagnosticado com TDAH e Autismo. Se casou, e hoje sonha em ser pai. Sonha em estudar mais, quem sabe fazer um mestrado. Talvez pela primeira vez, em mais de trinta anos, ele criou sonhos. Não pensa só no hoje, em como conseguir dinheiro pra pagar as contas. Talvez com 30 anos, finalmente, ele está descobrindo quem ele é, o que ele pode ser. Com 30 anos, aquela realidade de soco, tapa e chute, ficou longe o suficiente pra ele conseguir seguir em frente. Talvez com 30 anos, Eduardo começa a ser genuinamente feliz.

Conto 02: Laura

Laura guardava pra si toda a culpa do mundo.

Laura hoje sente culpa por não odiar o pai, mesmo ele sendo violento com a mãe durante todo o casamento. Da violência física, ela só lembra de uma vez, em que assistiu o pai dar um tapa na cara da mãe, escondida atrás da porta. Ele deu um tapa porque ela furou o pneu do carro dele, quando encontrou o carro estacionado em um puteiro. Mas da violência psicológica... essa ela viu se repetir dia após dia dentro de casa, desde a infância, até o dia que ela foi embora de lá.

O pai de Laura, Francisco, nasceu em Criciúma, uma cidade no sul de Santa Catarina. A mãe, Amélia, nasceu em Xaxim, uma cidadezinha pequena do oeste do mesmo estado, com praticamente 30 mil habitantes hoje. Eles se conheceram quando ele passou em um concurso público e saiu de Criciúma pra morar em Xaxim. Justamente nesse momento, o pai da Amélia tinha acabado de falecer, e tinha deixado uma herança muito grande pros filhos. Francisco tinha uma noiva, que deixou lá em Criciúma, e queria se casar com ela. Mas o seu pai disse que Amélia

era a mulher certa pra se casar, porque ela tinha herança pra receber e ali ele teria mais dinheiro, ia subir na vida. O que o pai mandava, Francisco fazia, e desse jeito, ele se casou com Amélia. Ela não tinha muita escolha: Francisco era amigo de seu irmão, e depois da morte do pai, o que o irmão mais velho falasse pra ela, era lei.

Depois do casamento, Francisco brigou com toda a família de Amélia, pra que ela recebesse a herança igual aos irmãos homens. Na família, que é de descendência italiana, os homens ganhavam mais herança que as mulheres. É possível até que se pense que ele estava querendo resguardar o que, em teoria, seria um direito pra esposa: direitos iguais. Mas na verdade, ele queria era gastar todo o dinheiro da herança da mulher, e foi o que fez.

Logo depois que recebeu a herança, Amélia engravidou de um menino, Fabrício, e enquanto ela dava à luz na maternidade, Francisco tava na zona, comemorando com as prostitutas da cidade que seu primeiro filho tinha nascido, e que ainda era um macho. Mas pra ele, isso era normal,

porque enquanto Amélia tava grávida, ele capotou um carro com cinco putas dentro, enquanto tava bêbado. Inclusive, além das putas, ele gastava muito em carro. Trocava de carro como quem trocava de roupa, tudo com o dinheiro da mulher. E como Francisco iria pensar que isso era errado, se a própria mãe falava pra ele que *homem pra ser homem tem que ter mulher fora de casa*.

Amélia era professora de séries iniciais em uma escola pública. Ela era uma mulher que tinha estudado, uma das únicas na cidade que a família tinha permitido estudar. Ela tinha até um carro próprio, um fusquinha. Quando se casou, Francisco disse que essa época tinha acabado: *Casamento é outra coisa e você já deveria imaginar*. Ela tentou enfrentar ele, e ele pediu transferência no trabalho pro lugar mais longe que ele conseguiu: Recife. Sem suporte nenhum agora, Amélia parou de trabalhar e engravidou de novo, de Laura. Depois de um tempo, tiveram que voltar pro sul do Brasil, mas jamais pra cidade onde Amélia tinha apoio; Francisco quis morar em Joinville, pra deixar Amélia o mais longe

possível de sua família.

Além de tudo, Francisco era alcoólatra. Laura passou a infância junto dos irmãos indo de bar em bar pra achar o pai. Ele quase perdeu o emprego várias vezes: era Amélia que ia no trabalho falar com o chefe e impedir que ele fosse exonerado. Ele foi internado várias, várias e várias vezes. Tantas vezes, que Laura não sabe a quantidade exata. Foi nesse meio tempo, quando o pai tava internado, que Laura, Fábio e a mãe viam uma mulher passar com um bebezinho na frente do quintal e dizer: *Chama o papai, filho, pra ver se ele volta mais rápido*.

Em Joinville, nasceu mais uma filha, a Joana. Ela foi um presente que Amélia quis dar pra Francisco, porque ele tinha ficado sóbrio por um ano inteiro. E foi assim que Amélia nunca mais voltou a trabalhar ou estudar. Ela tinha uma vida social praticamente nula. Só não é nula, se contarmos as visitas que ela recebia de familiares. Mas até isso ela odiava, porque sabia que na primeira oportunidade, Francisco iria humilhar ela na frente de todos. Ela também

perdeu as contas de quantas ligações das amantes dele recebeu em casa. Ela não podia ficar sentada na presença dele. Uma vez, depois de ter limpadado toda a casa, Amélia tava sentada fazendo crochê no sofá da sala. Ele chegou, olhou pra ela de cima a baixo, e falou: *Tá sempre com esse cú sentado no sofá, não ficas cansada de não fazer nada?* Pra ele e pras amantes, Francisco dava do bom e do melhor. Pra esposa e pros filhos, tudo usado, podre e caindo aos pedaços.

De ver a mãe feliz com o pai, Laura só lembra uma vez, quando ela ganhou um buquê de flores dele, provavelmente em algum pedido de desculpas de alguma merda que ele fez. A alegria mesmo de Amélia eram os filhos e os netos que ela ganhou dos filhos pouco antes de morrer e não pôde ver crescer. Foram as únicas felicidades que ela teve em vida. Inclusive, não era só Amélia que era infeliz, mas os filhos também. Laura tinha um caderninho, em que ela escrevia dia após dia como se sentia sozinha. Ela escrevia no caderno como se contasse a vida dela pra uma amiga que ela nunca teve.

Quando a filha mais nova fez cinco anos, eles se separaram. Francisco já ficava em casa todo o tempo, estava aposentado, e cobrava que Amélia o servisse o dia todo. Se ele queria uma banana, ela tinha que descascar, picar, colocar em um prato e dar pra ele. Se ele queria tomar banho, ela tinha que passar a roupa, organizar tudo no banheiro, pra assim, então, ele poder ir. Virou uma máquina de encontrar defeitos e vomitava xingamentos o dia todo pra Amélia. Ela não aguentava mais. Falou que ia dar um susto pra ver se ele melhorava, e no fim, se separaram de verdade. E depois do divórcio, ele fez questão de tirar tudo o que conseguiu dela: dinheiro, propriedades, móveis... Tudo o que ele achava que era dele por direito, por ser homem.

Tentou até tirar os filhos dela. Falava que se separou *porque a mãe de vocês já não sabe ser como devia na cama*. Ele relatava cada detalhe da vida sexual dos dois pros filhos, ainda menores de idade. Depois que se separou, Francisco assumiu a amante com quem estava fazia 4 anos e teve uma filha com ela, Madalena. Pediu inclusive pra Amélia voltar, mas ela não quis porque ele

já tinha outra filha. Francisco tinha sido o primeiro homem na vida de Amélia, e ela não sabia o que fazer depois de separada.

Quando se separaram, ela, que foi proibida de trabalhar, ganhou uma pensão minúscula dele, que apenas dava pros gastos mais básicos. Além disso, ele pagava o plano de saúde, mesmo contra a vontade, até o último dia da vida dela, quando morreu de câncer. O câncer chegou pela mama, desenvolveu pro ovário e chegou no peritônio, e então ela não aguentou mais. Quando ela estava quase falecendo, Francisco falou pra Laura: *Não sei porque continuo insistindo e pagando essa merda, se ela vai morrer logo.* E mais uma vez Laura sentiu culpa, porque não conseguiu responder o que ele falou sobre sua mãe.

Laura saiu de casa com 15 anos porque brigou com a mãe. O irmão mais velho já tinha saído de casa, porque tinha passado em um concurso público em outra cidade. Não aguentou ficar com a mãe, porque na verdade, a relação delas nunca foi boa. As pessoas que trabalhavam com a Laura ajudavam pagando uma cesta básica

pra ela conseguir economizar alguma coisa e pagar a faculdade de direito. O pai tinha condições de pagar pra ela ir estudar na capital, em Florianópolis, em uma universidade pública, *mas filha minha nunca vai ir estudar na capital sozinha.* No final, estudou em Joinville mesmo. Fez direito porque o irmão mais velho fez, mas ela não queria fazer, só disseram pra ela que dava mais oportunidade e ela aceitou. Ela também sente culpa hoje por não ter feito algo que fizesse ela mais feliz.

Laura começou a namorar com Rodrigo quando tinha 20 anos. Segundo ele, ele se apaixonou por Laura porque *tinha tesão em ruiva.* Ela, que sofreu bullying a infância toda por ser ruiva, achou que era algo bom e ficou feliz. Muito feliz mesmo, porque ele não fumava, não bebia e não traía ela com prostitutas. Ele não era igual ao pai e, por isso, Laura achava que ele era perfeito. Rodrigo estudava na mesma faculdade que ela, e perseguiu ela pra namorar. Depois, ele também foi trabalhar no mesmo lugar que ela, e também perseguiu ela no trabalho. Com 23 anos, Laura se casou com Rodrigo, porque o pai disse

que se ela não se cassasse virgem, ninguém ia querer ela depois, só se fosse pra ser puta. O problema foi que ela já morava há um ano com o namorado antes de casar, então pra ele, ela já era puta. O pai, mesmo com todo o dinheiro que tinha, se recusou a ajudar no casamento. Se recusou a entrar com ela: *O que adianta eu levar minha filha no altar como se fosse virgem?* A única coisa que Laura ainda conseguiu ter forças pra ir contra, foi pra usar um vestido branco, porque a mãe não queria que ela usasse: *Quem sabe um bege, acho que combina mais com você.* Além disso, o marido não quis pagar um real do casamento: *Se você quiser casar, quem tem que pagar é você!* Então Laura pagou todo o casamento sozinha. Quer dizer, o pai pagou o fotógrafo e a mãe o vestido. O resto, sim, foi tudo ela.

Depois do casamento, Laura se anulou: começou a viver a vida de Rodrigo. Ele não saía de casa nunca, então ela também não saía. Ele não gostava de cabelo curto, então ela não cortava. Ele não gostava de calcinha grande, então ela só usava calcinha fio dental, mesmo que se sentisse desconfortável. Na verdade, ele que escolhia e

comprava as calcinhas dela. Ele só gostava de assistir futebol na tv, então ela só assistia futebol também. Em todos os 12 anos de casados, ela nunca assistiu um programa que ela queria na televisão. Assim como Francisco, ele também controlava todo o dinheiro da casa. Ela não podia comprar nem um absorvente sem que ele deixasse. Depois de dez anos juntos, o casal teve sua única filha: Amanda. Rodrigo ficou feliz, e dali pra frente, Laura achou que o relacionamento iria melhorar.

Só que um ano depois, Laura sentiu que, literalmente, estava sufocando. Sufocando ao ponto de parecer que estava morrendo afogada, só que sem estar debaixo da água. Ela aguentou todo tipo de violência psicológica, mas quando Rodrigo começou a maltratar a filha... Ela não aguentou. Ele começou a deixar a filha de castigo com um ano, porque ela não reagia da forma que ele queria. Colocava ela deitada no chão frio da sala, até que ela parasse de *fazer o drama dela*. Um dia Laura saiu pra beber, pra comemorar com as amigas que tinha conseguido um emprego novamente, depois de parar de trabalhar pra

cuidar da Amanda. Quando ela chegou em casa, ele gritou com ela, porque agora ele conseguiu finalmente ver como ela *não era uma mulher de família, era uma puta que não deveria poder chegar perto da filha*. Laura pediu o divórcio.

E mesmo com tudo isso, ela pensava que ele era o melhor pai do mundo. Imagina, um homem que troca fralda da filha, que faz a filha dormir. *Não é o melhor pai do mundo?* O pior talvez tenha sido quando o irmão, alguém que deveria apoiar Laura, falou pra ela: *Se separou pra quê? Pra largar a filha por aí e sair dando pra todo mundo? Colocou silicone pra ficar dando pra macho?*

Quando se separou, ela pensou que, segundo todos, ela tinha a vida dos sonhos: era concursada, tinha uma filha, um marido, viajou pra Europa. E na verdade, ela era tudo, menos feliz. Em todos os anos de relacionamento, ela nunca gozou. Nos 12 anos de casamento, em 10 ela transou sem querer. Ela sentia dor física ao transar com ele, porque não queria. Ela sentia nojo, e dava pra ver no rosto dela. Pra ter prazer? Só sozinha. Mas pra ele, tava tudo bem. Rodrigo

humilhou muito ela na separação. Falou que ela era egoísta por querer ser feliz, que o importante era manter o casamento.

Depois de separada, tudo era motivo de ameaça. Se Laura saísse pra jantar e tomasse um copo de vinho, ele já ameaçava tirar a guarda da filha. E Laura começou a sentir muito medo. Ele, que enquanto eram casados falava mal do sogro pelo que ele causou na vida da família, foi correndo viajar mais de 200 quilômetros pra poder falar mal da Laura pra Francisco. Falou inclusive pra ele não ajudar financeiramente, não só a Laura, mas também a filha. Porque na verdade, a filha importa tão pouco quanto a Laura importava pra ele.

Laura sentiu culpa até quando o genitor da sua filha foi morar em Dubai com a nova família, e pediu pra diminuir a pensão da filha, porque ela não queria causar alienação parental. Ela nunca quis entrar com um processo pra pensão depois que eles se separaram, porque não quis incomodar ele. Ele inclusive, morando em Dubai, informa que não tem dinheiro pra

pagar uma pensão. Morando em Dubai.

Laura sentiu culpa até quando foi estuprada depois de se separar, porque tem medo de alguém saber, e o genitor usar isso contra ela na guarda da filha. Ela tava bêbada, tinha saído com algumas amigas. E não se lembra de muito, só se lembra do nojo que ela sentiu. Do nojo do dia seguinte. E do peso que é aguentar isso, com medo que um dia a filha possa ficar longe dela se o ex-marido souber.

Laura sentiu culpa quando foi participar de um projeto de apoio a mulheres que sofreram violência em uma universidade, porque não entendeu o motivo pra estar ali. Com tantas mulheres, com histórias tão piores que a dela, pensou, *o que eu estou fazendo aqui?* Porque mesmo depois de tudo, ela não tinha entendido como a violência psicológica afetou ela.

Laura sentiu culpa até quando tentou seguir uma velha tradição da família do seu pai: se matar. Na família do pai, são três suicidas: o avô e dois tios. Na verdade, quando era jovem, ela já tinha

tentado se matar, tomando todos os remédios que a avó tinha na casa dela. Laura sente tanta culpa que na verdade ainda acha que queria atenção nesse dia. Ela não consegue ainda enxergar que nenhuma criança ou adolescente deveria passar por isso. Mas dessa vez, ela tentou se matar com a arma do irmão, que trabalha na polícia. Ficou internada quatro dias na clínica, até conseguir voltar de novo. Em um almoço de família que aconteceu depois, seu irmão mais velho disse pra ela que da próxima vez ela não precisava tentar pegar a arma dele escondido, ele mesmo podia dar pra ela, *era só pedir*.

Laura sentiu culpa até quando descobriu seu diagnóstico de câncer, logo depois que a mãe também morreu de câncer. Ela quase morreu em vida. Ela parou tudo pra planejar a morte: foi ver o que tinha de seguro, o que ia passar pro nome da filha, se queria ser enterrada ou cremada.

Mas sobreviveu. Depois de reviver todos os dias que passou com a mãe na oncologia, ela enfrentou sozinha o câncer, e venceu.

No final, a única coisa que a Laura não sente culpa é de ter sido mãe. Laura sonhou a vida inteira em ser mãe – desde quando começou a trabalhar, via as roupinhas de bebê na vitrine e comprava pra quando ficasse grávida. Guardou o enxoval de quando era bebê durante toda a vida, pra que o filho ou filha pudesse usar. Ela percebeu que se ela não tentasse ser feliz, no final, ela também não faria a Amanda feliz. E que ela não poderia seguir de novo o mesmo caminho da sua mãe, e muito menos passar pra filha toda essa criação que ela teve. A Amanda veio pra dar uma sacudida na família e mostrar que de histórias muito ruins podem surgir coisas muito boas. E a melhor coisa que existe nisso tudo é a relação entre a Laura e a Amanda, e o futuro que elas estão criando juntas.

Conto 03: Ana Paula

Quando o pai de Ana Paula, Mauro, conheceu a sua esposa, Laura, ele tinha 33 anos e ela 12. Mauro era casado com outra mulher, tinha filhos, mas quando viu Laura, largou a esposa e os filhos sem nem olhar pra trás. O que muitos podem chamar de amor, na verdade tem outro nome: pedofilia e estupro de vulnerável. Aconteceu no interior de São Paulo, numa cidade chamada Pedranópolis. Quando pôde, Mauro levou Laura pra capital do estado, pra longe de toda a família que ela ainda tinha. Com 12 anos, ela foi totalmente isolada de qualquer pessoa que conhecia. Com 13 anos, engravidou pela primeira vez. Mauro jurou que o filho não era dele, e forçou Laura a colocar seu filho pra adoção. Luiz foi colocado em um orfanato, e depois de cinco anos, Lívia, irmã de Mauro, foi buscar ele na instituição e pegou pra criar. Nunca conheceu os pais.

Depois de mais cinco anos, quando Laura ainda tinha 17, engravidou do primeiro filho que Mauro assumiria como seu, Lorena. Depois de mais cinco anos, nasceu Ana Paula e dois anos mais tarde, nasceu a filha mais

nova do casal, Maria Luiza. Com 24 anos, Laura já tinha parido quatro vezes.

Desde cedo, as irmãs viveram com os pais no Centro de São Paulo. Naqueles pensionatos que dividem famílias pobres, traficantes, prostitutas e tudo o que a sociedade marginaliza. Talvez pensionato seja um nome muito bonito pra realidade do barraco imundo que aquilo era. As pessoas não tinham nenhum senso de comunidade; era cada um por si. Um dia, Mauro decidiu que era muito caro manter todas as filhas e levou Lorena, sua filha mais velha, pra casa da mãe no interior e abandonou ela lá. Nunca perguntou se sua mãe poderia receber ela e nem se Lorena queria.

A violência era algo comum no dia a dia das meninas. A Ana Paula, inclusive, não lembra um dia em que tenha vivido sem ela na sua infância. Pra endossar mais o clichê, o pai era violento sóbrio, mas bêbado piorava. E piorava muito. Ele não podia beber, que espancava a Laura; e as duas filhas que sobraram na casa ouviam do quarto ao lado. Quando as meninas

pequenas iam intervir pela mãe, ele mandava as duas pra dentro do quarto no berro. E voltava a espancar a mãe em paz.

Ana passou a sua infância tendo medo todas as vezes que a sua mãe apanhava. Teve medo não só porque via a mãe apanhando, mas pela ideia implícita de que ela seria a próxima a apanhar se ele tivesse com mais raiva ou bebesse mais. Uma das cenas que Ana não consegue esquecer, é de ver a mãe cozinhando macarrão na cozinha coletiva do barraco, com o rosto todo roxo, um dia após ter sido espancada. É como se fosse tão normal naquele lugar uma mulher com o rosto roxo, cozinhando um almoço rápido pra dar pras crianças. Na televisão, passou uma notícia de um marido que espancou a mulher, e Mauro disse em voz alta, pra todo mundo ouvir: *Que absurdo! Isso que é coisa de homem covarde!*

Laura nunca teve uma amiga pra desabafar. Nem um amigo homem com quem pudesse conversar sem existir um grande ataque de ciúmes. Na única vez em que conversou com um homem na cozinha coletiva, Mauro puxou ela pelo

cabelo na frente de todos e arrastou a cabeça dela no chão batido. *Mulher minha não vai conversar com ninguém.* Assim como Laura, todas as filhas cresceram isoladas. Ana não tinha nenhum amigo na vizinhança, nem na escola. Aliás, Ana só começou a ir pra escola com 9 anos, porque o pai só quis levar quando Maria Luiza também fosse, porque era muito empenho caminhar pra levar só uma filha na escola. Mauro também deixava a mulher e as filhas sem comer, porque o mais importante era comprar o cigarro e a cachaça. Se sobrasse pra comida ou não, já não era mais um problema dele.

Quando Ana e Maria Luiza eram pequenas, os pais deixavam as filhas com várias pessoas quando iam trabalhar. Numa dessas vezes, um amigo da igreja pentecostal que eles frequentavam disse que poderia cuidar das meninas, porque pra ele era uma benção de Deus poder ajudar. E nesses momentos em que ele realizava, segundo ele, essa benção de Deus, ele passava a mão na vagina e no peito das crianças. Elas tinham 6 e 4 anos.

Lorena voltou da casa da vó com 11 anos, e foi morar com uma velhinha que Mauro conheceu na feira. Ela tava precisando de alguém pra limpar a casa em troca da moradia, e Mauro despejou Lorena pela segunda vez, só que agora na casa de uma desconhecida. Um ano depois, na mesma rua em que essa senhora morava, morava Valéria, uma idosa de 70 anos que iria fazer uma cirurgia e precisava de alguém pra ajudar na casa, de forma gratuita, obviamente. Então foi aí que Mauro despejou Ana Paula na casa dessa senhora, em troca de ela bancar a filha. Mas dessa vez, ele perguntou pra Ana se ela queria ir. Feliz da vida, ela respondeu que sim, porque iria sair de casa e fugir do homem da igreja que abusava dela. Ana tinha 7 anos.

Naquela casa, ela via Valéria comer tudo o que queria, do bom e do melhor, mas ela só podia se alimentar de pão, arroz e feijão. Quando ela levava Ana pra visitar a casa do filho que era médico, a menina tinha que assistir todos comendo pizza e cachorro-quente, enquanto sua boca enchia de saliva.

Valéria sempre fez questão de deixar claro o que Ana Paula era pra ela: uma empregada.

Com 9 anos, a rotina começou a ficar entediante pra Ana, porque ela só trabalhava, não brincava, não tinha nenhum tipo de lazer. Cansou de viver dentro da biblioteca da Valéria, onde só tinha uma cama pra dormir e mais nada. O único momento feliz que tinha era quando fugia pra varanda da casa e olhava as estrelas. Elas ficavam tão longe, e era pra lá que Ana queria ir. Um lugar longe e feliz. Implorou pra voltar pra casa dos pais e voltou.

Passou alguns meses na casa dos pais, e na escola, fez sua primeira amiguinha. A mãe dessa amiguinha, Renata, viu a vulnerabilidade que a Ana vivia, e falou pra Mauro e Laura que queria criar a filha deles. Mauro não pensou duas vezes e mandou Ana pra casa de outra pessoa desconhecida, pela segunda vez.

Essa casa foi o pior lugar em que a Ana já pisou na vida. No primeiro dia, descobriu como seria sua realidade ali. Ela, que tinha pensado que

poderia brincar o dia inteiro com a sua amiguinha, descobriu que, na verdade, ali seria quase estuprada pelo marido de Renata, Cláudio. Conviveu com a possibilidade de ser estuprada todos os dias que morou naquela casa.

Mas ele não tentou estuprar ela no primeiro dia. Ele começou dando as comidas que ela gostava e fazia tempo que não comia, por causa da dificuldade financeira da família. Depois, dava os brinquedos que percebia que ela gostava quando via televisão. Comprava coisas que ela sempre sonhava em ter, como o shampoo e o condicionador da Barbie. Creme dental com gostinho de fruta. E o pior era que Renata via como o marido olhava pra criança de 10 anos, e sentia ciúmes. Então em vez de proteger a criança, ela xingava a Ana: *Tu virou puta pra tá rebolando assim pro meu marido? Tu fica olhando com olhares perversos pro meu marido? Sua vagabunda!* E na verdade, Ana não tinha ainda nenhum conhecimento sobre sexo, ou sobre nada do gênero. A verdade é que ela ainda nem tinha beijado na boca, e nem tinha sentido vontade também, porque ela era uma criança. Uma criança que não teve infância,

mas mesmo assim, uma criança.

E depois dos ciúmes que a Renata sentia, o Cláudio vinha e acalmava a Ana. Dizia pra ela que tudo ia ficar bem. Acolhia ela com um carinho que ela nunca recebeu na vida, nem dos pais nem de ninguém. Pra Ana, ele era a única pessoa que entendia ela, o que fez com que ela criasse um sentimento fraternal por ele. E era exatamente isso que Cláudio queria... Que ela criasse confiança, pra que ele pudesse estuprar ela.

Um dia Ana acordou com um bilhete e um ursinho de pelúcia marrom debaixo do travesseiro. A pelúcia tava embebida no perfume que ele usava. Cada detalhe muito planejado, como se fosse um gesto de amor... Só que era pra uma criança de 10 anos. Quando Ana abriu o bilhete, estava escrito em uma letra adornada: *Você quer namorar comigo?*

Nesse exato momento, ela lembrou do homem da igreja que passava a mão nela quando os pais iam trabalhar. E ela lembrou que não gostava daquilo, e que tinha medo. Mesmo com 10 anos,

da sua maneira e sem ninguém nunca conversar com ela, ela sabia que criança não namora.

E o curioso era que, ao mesmo tempo que Renata julgava Ana por querer seu marido, ela saía pra passear com os filhos e deixava Ana sozinha com Cláudio. E Ana se trancava no quarto, porque era a única coisa que podia fazer pra se defender. E ele batia na porta, fazia mil promessas, e ela abria a porta do quarto, sem saber o que fazer. E até hoje, ela se culpa. *Por que eu não gritei? Por que não fiz nada?* Porque estava em estado de pânico. Ela abriu a porta, correu pra cama e se tapou com um lençol branco com florzinhas amarelas, pensando que aquilo iria proteger ela de alguma forma.

Ele pegou a mão da Ana, começou a fazer carinho. Pegou o braço dela, e começou a chupar, e perguntou: *Você gosta disso, meu amor?* E foi nesse momento que a Renata chegou em casa.

Cláudio saiu correndo pra falar com a mulher. Ana ficou tremendo na cama, se protegendo com o lençol branco com florzinhas amarelas. Depois

disso a convivência na casa ficou terrível. Cláudio começou a maltratar ela, Renata piorou os maltratos que já praticava e as crianças não queriam chegar perto da Ana. E a Ana não pediu pra voltar, porque de alguma forma, ela sentia que doía mais ver a mãe sofrendo, do que ela sofrendo naquela casa.

Até que um dia a Renata mandou ela embora pra casa dos pais, e ela voltou. Cláudio levou ela e sua mochilinha com as roupas, e com 12 anos ela voltou de novo pro barraco. Quando ela chegou em casa com Cláudio, ele cumprimentou toda a família dela. Ela ficou assustada, porque não entendia como ele conhecia a família, se foi só a Renata quem conversou com os pais. Mas na verdade, ele ajudava a família com dinheiro e dava presentes pra irmã mais nova de Ana. Maria Luiza recebeu chocolates, bombons, shampoo da barbie e um chaveirinho de ursinho também. Com o cheiro do perfume dele.

Ana ficou morando com os pais durante mais um ano, e depois fez amizade com uma menina boliviana, Carmen. A família dela tinha uma

oficina clandestina de costura, algo bem comum nos bairros pobres de São Paulo. Ana passava muito tempo na casa dessa amiga, e um dia, Carmen convidou ela pra morar lá. E pela terceira vez, Ana foi pra casa de alguém pra fugir da própria casa. Mas pra morar lá, ela precisava trabalhar. Então ela aprendeu a costurar, e trabalhava como uma funcionária, só que sem receber um real. Ela trabalhava muito, mas também ria muito. E porque o riso era fácil lá, ela foi ficando e os meses foram passando. E ali ficou dois anos.

Ela tinha uma banca pra vender as roupas. Corria do rapa. Montava a banca duas horas da manhã, trabalhava até as oito horas e ia embora. Foi uma criança que gerou renda pra uma família. O que ela não sabia na época, hoje ela sabe: era trabalho análogo à escravidão. Essa família hoje tem um império de lojas, com carros caros e muito dinheiro. E ela nunca viu nada disso.

Foi embora dali num dia em que, depois de muito cansaço, pediram pra ela limpar a casa toda

antes de ir dormir, porque estava muito suja. Ana reagiu perguntando se eles não tinham mão pra limpar a própria casa. Gritaram com ela, e ela foi embora, de novo pra casa dos pais. Mais uma vez, ela voltou pra violência que tinha na casa onde os pais moravam.

Mauro e Laura nunca perguntaram o que a filha passou nesses lugares onde morou. Nunca existiu uma preocupação. Nunca foram visitar ela. E por muito tempo ela não entendeu nada sobre o que era amor. Porque a mãe dela abraçava ela, mas deixava ela ser abusada. Abraçava ela, mas deixava ela passar fome. E então ela não conseguia entender o que era amor de verdade. E nesse momento, ela foi pra igreja evangélica de novo.

Porque a verdade é que lá ela recebeu muito acolhimento. Muitas pessoas se importaram com o que ela tinha sofrido, ouviram ela e oraram por ela. E ela, que nunca tinha sentido tanto carinho e acolhimento, ficou ali. Tinha 14 anos.

Começou a se envolver com música, a tocar violão. Desenvolveu habilidades sociais, porque até ali, ela não teve muitos amigos. Teve o primeiro senso de comunidade, do que é uma família, do que é pertencimento. Levou sua mãe pra lá, e ela encontrou, nesse momento, um rumo pra vida. Parou de beber, parou de fumar. Encontrou um propósito.

Nessa idade, o seu pai parou de beber. Foi menos violento com a mãe, apesar de ser muito humilhado na rua, porque catava latinha. Na verdade, a família toda catava latinha pra vender e pagar as contas. O poder que ele não tinha na rua, ele ainda usava dentro de casa, gritando, esperneando. Às vezes, parecia que ele ia ficar louco. Mas nessa época eles conseguiram também uma casa do Programa Minha Casa Minha Vida, e puderam ter uma vida melhor, porque sabiam que iriam ter onde dormir pelos próximos anos.

Mas foi nesse momento que Laura descobriu que tinha câncer de mama. E em dois meses, morreu, com 40 anos. E a Ana começou a ver

a igreja de outro jeito, porque apesar das coisas boas, também tem coisas ruins. Com 18 anos, ela saiu de lá, porque sentiu que não tinha mais nenhuma individualidade. O pastor mandou ela arrancar o brinco que ela tinha colocado, porque não era coisa de mulher direita. E pode parecer algo simples, em comparação com tudo o que ela passou e estava passando com a morte da mãe, mas foi nesse momento que ela percebeu que sempre aceitou tudo que falaram pra ela. Sempre foi submissa a tudo e a todos. E não queria mais isso pra vida dela.

Surgiu uma vaga de emprego em Florianópolis, e ela se mudou sem olhar pra trás. E foi aí que começou a construir sua própria vida e sua própria história. Uma vida que não foi influenciada por outra pessoa ou por algo, mas sim pela vontade da Ana. Em Florianópolis, ela se envolveu com as pessoas que queria. Descobriu sobre consentimento. Nunca teve um relacionamento abusivo, porque soube reconhecer os sinais e sair. Trabalhou nos empregos que conseguiu, mas também em empregos que ela queria e escolheu. Trabalhou primeiro com

vendas, depois começou a trabalhar como ajudante de cozinha. E descobriu nisso uma paixão. Fez alguns cursos técnicos em culinária, se profissionalizou pra poder ganhar mais e ter um pouco mais de tranquilidade. Também se tornou cozinheira, porque ela podia escolher o que comer. Ana nunca quis brinquedos, nunca teve esse lado lúdico. Ela queria era comer o que queria. Comer o que ela acha gostoso, e não só o que tem disponível.

Começou a fazer terapia em um projeto da universidade, e foi dia após dia se curando. Depois descobriu o que queria fazer de verdade: Psicologia. E estudou de noite, estudou de madrugada, estudou no intervalo do trabalho, e passou em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Ela, que mal teve direito de estudar, porque o pai não queria caminhar pra levar só uma filha, entrou em uma universidade pública.

E Ana continua hoje construindo sua trajetória, com 30 anos. Cuidando das pessoas, através da Psicologia, de uma forma que ela nunca

foi cuidada. Fazendo por alguém o que ela não recebeu.

Maria nasceu no Hospital Regional, em São José, uma cidade ao lado da capital de Santa Catarina, Florianópolis. Sua mãe, Alessandra, tinha 24 anos quando sua filha nasceu. A infância de Maria foi toda no bairro Kobrasol. Foi uma infância típica dos anos 2000, a última geração que ainda viveu e cresceu sem ter a internet dentro de casa de forma tão facilitada.

Ela estudou no Melão, como é chamado o Colégio Maria Luiza de Melo. Ao redor de Maria, estavam várias mulheres: sua mãe, sua tia, sua vó e bisavó. Alessandra, sua mãe, trabalhava em dois serviços e fazia universidade. Sua vó trabalhava fazendo plantão em dois hospitais. Sua tia estava terminando a faculdade, fazendo trabalho de campo. Mas todas arranjavam tempo pra estar junto com a Maria. E quando não podiam, Maria ficava com a sua bisavó e com o tio avô, irmão da sua vó. Ela assistia todas as novelas da Globo que passavam enquanto estava lá. Amava ver “Mulheres Apaixonadas”, inclusive lembra de muitas falas da novela. Quando não gostavam muito da novela, viam desenho animado em outros

canais. Também ia na padaria, e a bisa dava tudo quanto é tipo de doce pra ela. E ela amava. Foi uma infância feliz.

Cresceu, e teve todos os problemas comuns da adolescência: a insegurança, a incerteza, as descobertas que nem sempre dão certo. Foi um momento conturbado, principalmente por Maria fazer parte da sigla LGBTQ+. Mas o que ela tinha de inseguranças por isso, a família não teve, acolhendo ela com muito carinho.

Gostava muito de inglês. Sentia curiosidade desde pequena, quando queria descobrir o que significavam as palavras nas músicas. *Mãe, o que significa o “ella” que a Rihanna repete no refrão da música Umbrella?* A mãe não sabia inglês, e incentivava Maria a pesquisar. Fez cursinhos, clubes de leitura. Fez tecnólogo em gastronomia. Trabalhou em eventos e restaurantes. Com a pandemia, tudo fechou e ela viu na tradução uma oportunidade pra continuar trabalhando. Começou a cursar Letras e depois foi pra Tradução.

Maria tinha 22 anos quando, numa quinta-feira qualquer, foi passear com a sua cachorra de manhã, porque estava de licença médica do trabalho por ter distendido o pulso. Deixou seu celular em casa e quando voltou tinha 42 ligações perdidas no celular. Ela achou estranho, mas não conseguiu nem pensar muito no que poderia ter acontecido, porque logo entrou a 43ª ligação daquela manhã, da Paula, uma amiga de sua mãe. Maria mal atendeu o telefone, e as palavras foram começando a vir: *MARIAAAA, A GENTE AVISOU PRA TUA MÃE QUE ELE NÃO ERA UMA BOA PESSOA, E AGORA OLHA O QUE ACONTECEU!!!!* E a amiga chorava e gritava. E Maria não entendia nada.

Não entendia nada, mas muita gente já entendia e chorava. Sua mãe, Alessandra Abdalla, foi assassinada ao lado da creche em que trabalhava, no Bairro Tapera, em Florianópolis, uma hora antes dessa ligação acontecer. Às cinco horas sua mãe acordava, quase seis horas saía de casa, às oito horas estava morta. Inclusive, o assassino ameaçou também ir atrás de Maria e

matar ela, mas por algum motivo, ele desistiu. Mas o assassino não era um homem desconhecido, que atacou ela no meio de um beco escuro. Ele era seu ex-namorado. Um homem que, até uma semana antes de morrer, Alessandra achava que jamais seria capaz de fazer mal pra ela.

O relacionamento dos dois começou um ano antes, em 2021, durante a pandemia de Covid-19. Eles se conheceram em um evento em que a Polícia Militar foi na creche fazer atividades pras crianças e professores. A troca dos números de celular aconteceu e eles começaram a conversar. No começo, eles se falavam mais online, porque a vacina ainda não tinha sido amplamente distribuída, e Alessandra tinha medo de se contaminar, porque trabalhava em uma creche. Quando se encontraram novamente, ela descobriu que ele era casado, mas ele falou pra ela que iria se separar. Alessandra não gostou, e resolveu não continuar o relacionamento. Mas aos pouquinhos, ele foi reconquistando a confiança dela e se separou; levou pra ela os papéis do divórcio assim que o ano virou e 2022 chegou.

Depois de alguns meses, resolveram morar juntos. Ele era policial e fazia muitos plantões, então Maria não tinha que conviver muito com ele. Na verdade, ela preferia não conviver. Quando ele vinha, ela saía. Ia pra casa dos amigos, pra casa da vó, pra qualquer lugar que não tivesse uma arma. Além disso, tinha o fato de ele ser explosivo: por tudo gritava. Mas depois pedia desculpas, e ficava carinhoso, e o ciclo reiniciava. Maria avisava a sua mãe, mas não adiantou. Infelizmente, ela pensou muitas vezes depois o que teria acontecido se Alessandra tivesse escutado ela.

O papel que foi assinado oficializando a separação era real, porém ele continuou frequentando a casa da ex-mulher, o que Alessandra só iria descobrir uma semana antes de morrer. A ex-mulher mandou mensagem pra Alessandra contando que eles ainda estavam juntos. Isso porque na verdade ele estava com as duas ao mesmo tempo. Dizia pra Alessandra que ia fazer plantão da polícia, e pra ex-mulher dizia que estava esperando a Alessandra se recuperar de uma queda, que ela nunca

sofreu. Ou alguma outra desculpa que ele inventasse no momento em que era pressionado.

E quando Alessandra descobriu, sentiu uma impotência gigante. Impotência por não ter percebido antes nada disso. Pediu pra ele tirar as coisas da casa dela e quis terminar o relacionamento. Bloqueou ele nas redes sociais. Mas ele ameaçou Alessandra com uma arma no seio e na cintura, e sequestrou ela, às quatro e meia da manhã. Tudo planejado, porque eles desceram pelas escadas, já que no elevador tinha câmera. Maurício, o porteiro, tentou ajudar, mas quando viu a arma, soube que não teria muito o que fazer. Um vizinho, Ricardo, também tentou ligar pra polícia, mas não puderam ir porque *não conseguiam localizar o apartamento onde estava acontecendo a briga.*

Ele queria colocar Alessandra e a ex-mulher juntas, pra mostrar que não havia traição. Falou que a ex-mulher era doida, que tava inventando coisa. A sorte mesmo foi que o carro dele pifou, apesar de já estar perto da casa da ex-mulher.

E assim Alessandra conseguiu ligar pra Maria e pedir socorro. Falou de uma forma que ele não entendesse muito bem, mas conseguiu pedir socorro. Maria pediu um carro por aplicativo e contou a história pro motorista que atendeu, e ele se solidarizou, e mesmo sem conhecer elas, ajudou no resgate.

Quando ela foi resgatada, percebeu algo que realmente traçou o seu destino: *Acho que foi tarde demais, porque ele é perigoso*. Maria sentiu toda a raiva do mundo. Foi na portaria, pegou o vídeo do sequestro, e levou a mãe pra fazer a denúncia. Mas não abriram o boletim de ocorrência dela. Será que foi por que ele também era policial?

Depois do assassinato, descobriram que ele já tinha uma denúncia da ex-mulher, a mãe da filha dele, por ameaça com porte de arma. Ele já tinha entrado na Lei Maria da Penha. Mas Alessandra nunca soube disso, porque as informações estavam somente dentro do sistema da polícia. Além disso, ele tinha histórico de realizar rondas violentas contra a população LGBT+ e

de fazer abordagens misóginas contra mulheres no carnaval. Um pacote completo. E a corporação se protege.

Mas ele foi expulso da corporação, e ficou em uma cela comum, em um presídio comum, não militar. E depois da condenação, foi a primeira vez que, desde que a vida da sua mãe tinha sido tirada, Maria sentiu um pouco de paz. O sentimento de injustiça acabava com o seu sono, acabava com o seu dia, acabava com a sua cabeça, acabava com tudo. Porque o julgamento só aconteceu dois anos depois do feminicídio, e durante esses dois anos, a família de Alessandra Abdalla não teve mais contato com a paz. O processo de luto ficou interrompido, porque eles não conseguiam seguir com o processo, pensando na injustiça que era ele não estar preso, mas estar no quartel, com ar condicionado. E eles estavam com medo. Medo de que ele pudesse fazer algo com eles também. Maria acordava e dormia temendo pela segurança dela e da família.

A condenação e o encarceramento dele em um

presídio comum trouxe a paz. Mas também trouxe o vazio. Porque o mais difícil do luto não é o velório, a missa de sétimo dia, não é ver a mãe em um caixão. O mais difícil do luto é o dia a dia sem a pessoa. É a falta física e espiritual que a pessoa deixa por onde passou. É voltar pra casa e saber que a mãe nunca mais irá voltar. E depois desse vazio todo, vem a culpa. A culpa, porque de alguma forma, Maria achava que poderia mudar o passado. Que poderia ter feito algo diferente pra mudar o que aconteceu com a mãe. Que de alguma forma, alguma palavra que ela pudesse ter dito ou algo que ela pudesse ter feito, poderiam ter salvo Alessandra. Mas na verdade, infelizmente, não poderiam, porque naquele dia, um homem escolheu sair de casa e matar sua ex-namorada. Na frente de uma creche, na frente de crianças, com vários tiros.

O medo de Maria sempre foi que a memória da mãe fosse lembrada a partir da morte, a partir do que um homem fez com a vida dela. Mas é ao contrário. Alessandra é lembrada por seus amigos e familiares, com muito carinho e orgulho. Por ser uma pessoa muito animada, muito

feliz. Por ter vontade de projetos novos, de ajudar outras pessoas. De conversar, de sair com os amigos, por ser extrovertida. Por ser engraçada, por ser uma mulher à frente do seu tempo.

Alessandra é lembrada por dois projetos de lei protocolados pela vereadora de Florianópolis Ingrid Sateré Mawé, em 2024, o Programa Municipal de Enfrentamento ao Femicídio e o Projeto da Medalha e Diploma de Mérito Alessandra Abdalla. Alessandra é lembrada pela troca de nome da creche em que trabalhava, que agora leva o seu nome: “Núcleo de Educação Infantil Municipal Professora Alessandra Abdalla”. Alessandra é lembrada pelo mural que fizeram em sua homenagem na mesma creche. Alessandra é lembrada no meu trabalho artístico, “Pedaços da Violência”, desta artista que neste momento escreve pra que seu nome seja sempre lembrado. Alessandra é lembrada diariamente, por todas as mulheres que sobreviveram e lutam contra a violência de gênero. Alessandra é e sempre será lembrada.

Maria hoje termina sua faculdade de tradução. Lida com o luto de uma forma melhor, com ajuda de sua família, amigos e profissionais da saúde. Maria vive no dia a dia o peso de carregar um legado de resistência que não escolheu, mas que resiste bravamente ao lado de sua avó, Sandra, e sua família: ser filha de uma vítima de feminicídio. Uma filha que não se cala, e não irá se calar nenhuma vez, enquanto ela achar que ainda seja necessário. Porque pra Maria, falar em nome da vida e memória da mãe é falar em nome de todas as mulheres que foram vítimas de feminicídio e de sua família. É mostrar que o amor existe, mesmo após tanta tragédia. Uma tragédia que não foi uma escolha delas, assim como não é de nenhuma vítima, mas sim do assassino, que escolheu matar.

ALESSANDRA ABDALLA PRESENTE!



Beatriz lembra de tudo o que aconteceu na infância. Ao contrário de muitas pessoas, ela lembra fielmente de muitos acontecimentos, até mais ou menos os seus 8 anos. Lembra do dia em que ganhou a bicicleta Caloi Ceci Rosa Choque, que era o seu sonho. Um dia, a rodinha da bicicleta quebrou e ela foi pedir pros pais arrumarem. O pai e a mãe, bêbados, não ajudaram a filha. Ela só lembra de pensar que *se ninguém vai arrumar a rodinha, eu vou tirar a outra*. E assim fez. Sentou na calçada, arrancou a rodinha e foi descer a ladeira. E nesse dia, ela não só aprendeu a andar de bicicleta, mas também conheceu a definição da palavra liberdade.

Mas ela também lembra da gosma branca e grudenta na sua mão quando tinha 3 anos. Era quente, e ela nunca tinha visto nada como aquilo. Antônio, seu pai, forçou Beatriz a masturbar ele, forçando sua mão contra o pênis. Quando ela tinha 3 anos. E ela lembra do lençol de bolinha azul que ela ficou olhando, pra não olhar pro pai. Quando ela tinha 3 anos. E lembra de quando o pai foi lavar a mãozinha dela, pegando ela no colo pra passar o sabonete. Quando ela

tinha 3 anos. Lembra de todas as vezes que ele chamou ela de *tesãozinho do papai*. E lembra que em nenhum momento alguém achou estranho um pai chamar a filha desse jeito. Quando ela tinha 3 anos.

A mãe de Beatriz, Ângela, nasceu em Itaberaí, em Goiás; o pai, Antônio, em Nova Floresta, na Paraíba. Se mudaram pra Brasília em busca de trabalho, em busca das promessas de desenvolvimento depois da criação da cidade. Antes de pensar em se casar, Ângela adotou um filho. Sempre foi independente financeiramente, e começou a trabalhar muito cedo no SESC, como técnica de higiene. Lugar onde, inclusive, trabalhou por 25 anos, na mesma função. Uma amiga de trabalho de Ângela engravidou e quis dar a criança. Ângela conversou com a mãe e o pai, e ainda solteira, adotou ela. Leonardo veio ainda recém-nascido pra casa, em 1976.

Quando estava entrando na fase adulta, Ângela teve um noivo, por quem era perdidamente apaixonada, Marcelo. Ela conheceu Marcelo

no bar. Depois de alguns anos, ele sofreu um acidente de carro, e morreu. E Ângela carregou essa morte pro resto da vida, sentindo o peso dela, e a tristeza de não ter se casado com o amor que ela considerava pra vida toda. Ainda durante o luto, Ângela conheceu Antônio, também bebendo em um bar. O relacionamento dos dois, na verdade, girava muito em torno da bebida. Eles bebiam em casa, eles saíam pra beber, se estavam tristes, bebiam e se não estavam, bebiam também. Da vida de Antônio antes de conhecer Ângela, Beatriz nunca soube. O pai nunca falou nada, nem um só palavra sobre o assunto.

O relacionamento evoluiu rápido, e logo se casaram e tiveram a primeira filha, Beatriz, que nasceu em 1987. Ângela não gostava de tirar fotos com Beatriz: nunca bateu nem sequer uma foto segurando a filha, apesar de ter muitas fotos de outros momentos do mesmo período. Depois de três anos, nasceu o Thiago, que tem muitas fotos com a mãe segurando ele no colo.

O relacionamento do casal era terrível. Era

muita violência, muita traição. Antônio chegou a trair Ângela com a vizinha da frente e a vizinha do lado, ao mesmo tempo. Em um final de ano, Ângela preparou toda uma ceia de Natal, com frango, arroz à grega, e tudo o que uma ceia tem direito. Mas ele preferiu deixar a mulher e os filhos pra passar o Natal com a vizinha da frente, Helena. E Ângela ficou chorando, com os filhos abraçados no chão da sala, onde eles adormeceram naquela noite. Beatriz, no meio disso tudo, sempre foi uma criança quieta. Ângela sempre falou pra todo mundo que ela era uma criança tranquila, que não dava trabalho. Mas na verdade era pânico. Era medo puro. Medo do pai.

Medo porque o pai forçava Beatriz a comer, mesmo que ela não desse conta. Na verdade, ele forçava ela a comer até ela vomitar. Às vezes ela nem chegava no banheiro, vomitava no caminho. Antônio vinha com um cinto, ameaçando bater, até ela comer o último resquício de comida. E ela comia chorando. Passou a infância inteira, enquanto estava com o pai, comendo chorando.

Medo porque quando Beatriz tinha 3 anos, e a mãe estava grávida de 8 meses de Thiago, Antônio quebrou uma garrafa de vidro, e colocou os cacos na boca. Com os outros cacos, ele ameaçava cortar a barriga com o seu filho dentro. E Beatriz lembra dos gritos da mãe, e de se agarrar com muita força nas pernas dela. E ele só parou quando os familiares e vizinhos chegaram.

Antônio, quando estava bêbado e sentia raiva, chegava a ranger os dentes. Muitas vezes, Beatriz foi defender a mãe, e apanhou. Ela, que era bem magra, principalmente por causa do distúrbio alimentar, quase voava com os socos e tapas que levava do pai pra defender a mãe. E assim como Beatriz, Ângela também tinha medo. Medo e desprezo. Um dia, enquanto trabalhava no SESC, começou a conversar com uma mulher sobre os filhos, e foi assim que descobriu que o marido tinha tido um filho fora do casamento, o Lucas. Antônio tinha registrado a criança, pagava tudo pra ela, mas nunca contou pra ninguém da família. Na verdade, durante a vida, Ângela descobriu alguns outros filhos de Antônio por aí.

Sem a bebida, Antônio já era uma pessoa muito debochada. Com a bebida, ele ficava insuportável e violento. Ele menosprezava Ângela, criticando sempre seu corpo, que nunca foi um corpo magro. Dizia que ela não era bonita, que nunca agradou ele. Na verdade, o protagonismo que Ângela desempenhava no relacionamento irritava muito ele. Porque ela era carismática, e ele, no máximo de seu esforço, conseguia dar um sorriso.

Beatriz nunca viu os pais felizes. Ela lembra de todos os detalhes da casa, porque não conseguia dormir com o barulho das brigas, com o cheiro da bebida. Então ficava acordada. Lembra dos armários em madeira com verniz natural. Do chão vermelho de cimento queimado. Dos desenhos do pano de prato.

Ela também lembra que cresceu se achando medíocre, porque um dia seu pai brigou com ela quando ela tirou 9,7 na escola. E Beatriz teve tanta ansiedade, tanta ansiedade pra contar pros pais, que o pai bateu nela porque ela tava chorando. E depois bateu na mãe. Então Beatriz

sempre estudou muito, pra nunca mais o seu pai bater na sua mãe porque ela não tinha estudado o suficiente pra tirar 10.

Os pais se separaram quando os casos com as vizinhas se tornaram insustentáveis. Antônio voltou pra casa da mãe, Antônia. Antônia é uma mulher que comanda a família: dizia o que cada um deveria fazer, batia nos filhos mesmo adultos e gritava com todos. Em resumo, um amor de pessoa. Ela, mesmo sabendo como Antônio era, defendia ele. Assim como defendia também seu outro filho, Sebastião, que espancava a mulher e ainda levava a amante pra comer dentro de casa. Não só fazia a esposa sentar do lado dela pra comer, como fazia a esposa ainda cozinhar pra amante.

Depois da separação, eles foram e voltaram algumas vezes. Mas nunca mais conseguiram voltar de verdade. Apesar disso, Antônio ainda fazia o que podia pra machucar Ângela: jogar seus filhos contra ela. Chorava pros filhos, se fazia de coitado. Lágrimas de crocodilo, como dizia Ângela. E com isso, Ângela fazia com que os

filhos convivessem com o pai, mesmo contra a vontade deles. Principalmente, contra a vontade de Beatriz.

Isso só mudou no dia em que Beatriz contou pra mãe que tinha sido estuprada pelo pai. Ela não deu muita credibilidade pro que a filha disse na hora. Na verdade, nunca deu. A única coisa que fez foi, a partir daquele dia, não forçar a filha a ir na casa do pai. Na verdade, quando soube do estupro, teve como primeira reação ameaçar Beatriz: *O teu irmão tá preso e se você contar pra alguém, ele vai querer matar teu pai e você vai ver seu irmão preso pra sempre.* Infelizmente, a relação de Beatriz com Ângela nunca foi boa. Ângela chegou a transar com amigos de Beatriz quando ela era adolescente, com a filha dentro de casa, onde acabou presenciando o ato sexual. Ela sempre esperou o pior da filha, achando que ela estava grávida a cada dor que sentia, mesmo sem ela nunca ter beijado na boca. Era inclusive um costume Ângela falar que *Sou parecida com seu irmão, o Thiago, porque ele é emocional. Você, Beatriz, é fria, parecida com seu pai.* Mesmo depois de saber da história do estupro.

Antônio tentou fazer com que a filha não contasse pra ninguém. Uma vez ligou pra Beatriz, quando ela terminou a primeira comunhão, dizendo que quem é da igreja precisa perdoar. Quando Beatriz disse que não ia perdoar, ele logo retrucou: *Sua vagabundinha*. O pior de tudo isso é que Antônio trabalhava e trabalhou a vida toda em volta de crianças; era Secretário Escolar. Passava o dia inteiro olhando crianças, falando com crianças e vivia ao redor delas. E não só na escola, mas também quando ficou na casa de seu irmão, Sebastião, enquanto ele estava internado. Ele estuprou duas sobrinhas, sendo que com a mais velha fez conjunção carnal. Beatriz só soube disso quando tinha 24 anos, quando as primas ligaram falando que precisavam conversar seriamente com ela no dia seguinte. Quando soube, já estava formada em direito e trabalhava em um Tribunal Superior. Quando ouviu as histórias das primas, assumiu a dor delas como sua também. Contaram pra todo mundo o que tinha acontecido. Todos ficaram horrorizados no primeiro dia, mas no segundo, voltou tudo ao normal. Ele não foi expulso de nenhum lugar, não teve nenhuma retaliação,

nem mesmo alguém que parou de falar com ele por isso, além do irmão e sua família. Denunciaram no Ministério Público, mas o crime já havia prescrito. A prima mais velha ficou internada um ano e meio em uma clínica psiquiátrica. E depois voltou à vida, mas a vida não voltou pra ela.

E a vida de Beatriz teve que continuar, de um jeito ou de outro. Durante o tempo em que estudou e trabalhou em Brasília, foi de estagiária pra assessora de um Ministro de Tribunal Superior. Foi demitida quando uma outra assessora falou que seu irmão era traficante e que tinha sido preso. Depois disso, um desembargador convidou ela pra trabalhar em Florianópolis, e ela foi. Não concordou com decisões que aconteceram no Tribunal e começou a sofrer assédio trabalhista. Tentou trabalhar em um escritório, mas não aguentou a forma como eles trabalhavam defendendo os estupradores em grandes casos de grande mídia em Florianópolis. E assim começou a trabalhar de forma autônoma, seguindo o propósito de vida que acredita ter: defender.

A menina que sonhava em fazer direito pra poder tirar o irmão mais velho da cadeia, que foi preso por tráfico de drogas, hoje trabalha na defesa e luta contra a violência cometida contra as mulheres e contra a violência institucional. Faz mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Sonha em se tornar professora universitária. Sonha também em continuar o trabalho que desenvolve como educadora social, trabalhando com crianças e adolescentes, porque naquele momento, a criança que um dia ela foi, se conecta com as crianças que estão na sala. E elas se curam.

O relacionamento com a mãe ainda é uma brecha. Porque apesar de tudo, apesar da convivência que elas ainda sustentam, Ângela nunca disse as palavras que Beatriz gostaria de ter ouvido quando era adolescente e contou pra mãe sobre o estupro. *Filha, eu acredito. Filha, independente do que vier pela frente, eu estou contigo.* Na verdade, ela nunca acreditou na filha. Seu irmão mais novo só parou de falar com o pai quando Antônio cortou o dinheiro dele. Quando descobriu que a irmã tinha sido estuprada pelo

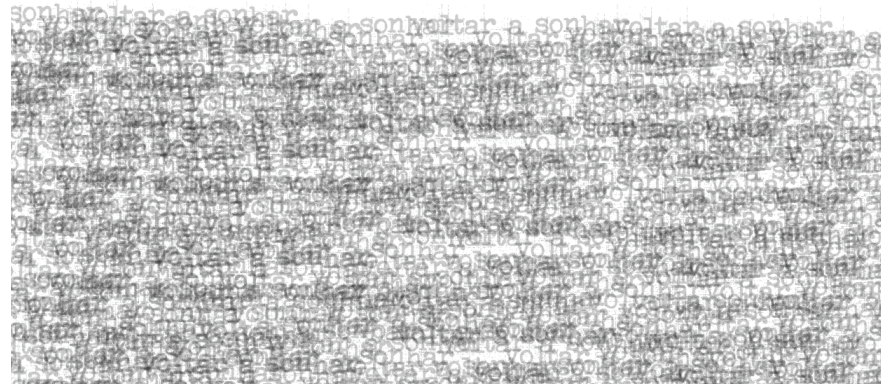
pai, ele disse que tudo o que ele tinha feito com ela era pouco. Que deveria ter feito mais. E o clássico: *o que ele fez foi contigo, não comigo.* Os relacionamentos que teve durante a vida também foram uma tentativa de arrumar algo dentro dela, algo que ainda estava desarrumado.

Apesar de tanta tristeza na vida familiar, Beatriz encontrou pela vida muitas pessoas que deram a luz que ela não teve. Seus amigos se tornaram a sua família, e estão ali ao seu lado na alegria e também na tristeza. Aceitaram ela com seus defeitos, mas também com as suas qualidades. E o amor é recíproco.

E seu pai continua vivo. Impune. Com câncer de próstata. Mas ainda vivo. Achando que não fez nada errado. E ela continua lembrando disso todo dia.

voltar a sonhar

Conto 06: Manuela



Manuela mora no bairro do Monte Verde, em Florianópolis. Acabou de completar 32 anos. Ela nasceu em Bocaína do Sul, na Serra Catarinense. A mãe, Maria, trabalhava na agricultura, e Pedro, seu pai, não fazia nada. Maria sempre sustentou a família sozinha, porque Pedro não queria ir trabalhar. Assistia televisão e deixava Maria se lascando. Ela trabalhava na roça, guardava todo o dinheirinho suado, e Pedro gastava. Gastava com mulher. Pedro também era um tipo de crente muito peculiar: ia pra Igreja, mas era pra encontrar mulher pra traír Maria.

Maria foi sua segunda esposa. Antes, era casado com Dolores, e teve dois filhos. Tudo o que fazia com Maria, já tinha feito antes. Ou melhor, tudo o que não fazia, porque não trabalhava. Dolores também se matava na roça, inclusive parindo um de seus filhos na plantação de batata, porque trabalhou até a exaustão enquanto tava grávida. Além disso, quando ficava em casa durante seu relacionamento com Maria, em vez de cuidar de Manuela, Pedro fazia Maria pagar uma pessoa pra olhar a filha, porque *não era a sua responsabilidade*.

Quando Manuela tinha dois anos, a família se mudou pra Florianópolis, por causa da bronquite que ela tinha. Bocaína do Sul é muito fria, principalmente no inverno, e Manuela passava muito mal. Foram pra Florianópolis porque o irmão de Pedro morava no Monte Verde, e falava que a vida na capital era muito mais fácil. Foram só com a cara e a coragem, sem nenhuma mudança. Praticamente com a roupa do corpo.

Uma sobrinha de Pedro cedeu um pedaço de terreno, mas sem o material, eles montaram um barraco de lona. E assim viveram durante alguns anos, até que Maria conseguiu o dinheiro, depois de fazer muita faxina, pra comprar um terreninho. Um conhecido ficou sentido com a situação, com a casa feita de lona, e deu o material pra subir a casa. E assim, eles realizaram o sonho da casa própria.

A infância de Manuela foi dentro de um ovo, em que ela mal cabia. Porque ela foi crescendo, mas não podia romper essa casca. Passou a infância dentro de casa, sem poder sair. Na verdade, ela não podia fazer nada, nem dentro de casa.

Enquanto o pai estava presente, Manuela ficava quieta. Uma estátua. No máximo, olhava as crianças brincando no terreno do lado. Só conseguia brincar quando o pai saía, ironicamente, pra ir na Igreja. Nesse momento, sua mãe deixava ela brincar, e ali, ela era criança.

Pedro era mão de vaca dentro de casa, mas pros outros na rua dava o mundo. Ele fazia festa de aniversário pro vizinho, mas nunca fez uma pra Manuela. Uma vez comprou um relógio de pulso, que custava meio salário mínimo, pra uma prima de Manuela, e deixou a filha sem presente no aniversário. Manuela chorou por dias. Pedro também gastava muito dinheiro em puteiro. Uma vez, recebeu um auxílio que tinha direito e gastou todo o dinheiro nos puteiros da Conde de Mafra. Nem Maria, nem Manuela, viram a cor do dinheiro. Algumas vezes Maria chegava cansada do trabalho, e enquanto estava trocando a roupa, alguém batia palma na frente de casa. Maria ficava surpresa, porque a pessoa queria dizer que iria fechar negócio, que iria comprar a casa. Pedro saía e tentava vender a casa deles, pra conseguir dinheiro. A casa que Maria

construiu limpando a casa dos outros, de pouquinho e pouquinho, com muito esforço, sozinha.

Também saía no Centro de Florianópolis pra gastar; entrava em loja de departamento e torrava muito dinheiro. Um dia, comprou um freezer gigante, pra colocar dentro de casa. Uma casa que nem tinha muita carne, porque o dinheiro era contado. Ele comprava, e Maria dava um jeito de devolver, pra não ter que pagar as parcelas sozinha.

Pedro não era bom com Manuela, nem com a esposa. Nunca levantou um dedo contra Maria depois que Manuela nasceu, mas fez questão de humilhar de diversas formas. Xingava, maltratava. Acabava com a autoestima de Maria. Antes de Manuela nascer, Pedro espancava ela de vez em quando. A prima de Manuela um dia contou pra ela de uma vez que eles foram pescar em um açude. Maria estava animada por poder sair de casa, sair da rotina de trabalho, e Pedro bateu nela. A prima lembra de ver o rosto de Maria todo roxo depois de uns dias.

Maria tentou se separar muitas vezes, mas Manuela entrava em desespero, e ela voltava com Pedro. Mesmo pequena, ela pensava que a presença do pai era ruim, mas tinha medo que sem ele fosse ainda pior. Quando ela completou 13 anos, os pais se separaram definitivamente, provavelmente porque Maria esperou até Manuela crescer. Com o tempo Manuela cresceu e percebeu que o melhor pra mãe era estar sem Pedro, porque ela não merecia continuar passando pela humilhação que ela passava.

Os pais então se separaram, mas logo se casaram novamente. Os quatro se tornaram amigos: Maria e seu esposo, Amadeu, e Pedro e sua esposa, Marília. Mas apesar da amizade, Pedro nunca voltou a ser um pai presente na vida de Manuela. Na verdade, ele nunca foi um pai presente... Era só um pai que estava ali, mas não brincava, não demonstrava amor, não dava carinho, não educava. Não era pai.

Assim como foi com Dolores e Maria, Pedro também não trabalhava enquanto morou com Marília. Além de tudo, ainda batia mais na

mulher. Marília ligou várias vezes pra casa de Manuela pedindo ajuda, porque Pedro queria matar ela. Ele inclusive ameaçava cortar e colocar ela na geladeira da casa deles. Também tentou vender diversas vezes a casa dela, assim como fez com Maria.

A adolescência de Manuela foi conturbada, porque ela queria conhecer o mundo, mas não podia, porque o pai não deixava. Quando os pais se separaram, ela finalmente foi conhecer a rua. Não bebia, não usava droga, mas ia atrás de homem.

Sua vida amorosa, até hoje, na verdade foi uma série de fracassos, até conhecer seu marido. Com 15 anos, perdeu a virgindade pra um motorista de ônibus, casado. Ele tinha 40 anos e Manuela ficou totalmente apaixonada por ele. Depois percebeu que não iria funcionar porque ele era casado... Mas não questionou a extrema diferença de idade que existia entre os dois. Mais tarde, com 17 anos, quando trabalhava no Mc Donald's do Shopping Iguatemi, conheceu um homem que, no final das contas, terminou tentando matar

ela. Primeiro, começou não deixando Manuela falar com a sua prima. Depois começou a ficar agressivo. Um dia pegou uma faca grande, olhou pra Manuela, e falou que queria matar ela. Ele fazia tudo isso morando junto com Manuela e a mãe dela, que um dia se cansou e tirou ele de casa com um pedaço de pau. Ele ameaçou Manuela de morte por muito tempo. Tempo suficiente pra ela ir na delegacia e fazer um boletim de ocorrência, que nunca deu em nada. Esses dias, viu ele na rua e ele cumprimentou ela, como quem encontra uma amiga de infância. Como se toda a violência nunca tivesse acontecido.

Depois dele, começou a conversar com um homem que pegava ônibus com ela e trabalhava no mesmo shopping, como segurança. E de novo, num passe de mágica, ela já estava apaixonada. Infelizmente, o amor que ela não tinha em casa, achava que iria encontrar em todos os homens que dessem um pouco de atenção. Depois de um tempo, descobriu que ele era casado. Depois se separou da esposa, e foi morar com Manuela e Maria.

Um dia, quando Manuela tinha saído pra ir no mercado, ele tentou forçar Maria a transar com ele. Tentou estuprar a mãe da namorada, enquanto a filha estava fora. Maria gritou com ele, e colocou ele pra fora de casa. Só que Manuela, apaixonada como estava, não acreditou na mãe; achou que era mentira. E por isso, saiu da casa da mãe pra ir morar com ele. Durante esse tempo, eles passaram muita dificuldade, por não ter como pagar o aluguel, por não ter o que comer... Sobreviviam. Até que um dia, o celular tocou e ele quebrou o celular no chão pra Manuela não ver a tela... E assim ela descobriu que era traída e que ele tinha algumas amantes.

De amante em amante, a relação durou 7 anos. Toda vez que ela queria se separar, ele se jogava no chão. Chorava. Até que um dia falou que se ela não fosse dele, não iria ser de mais ninguém. Manuela ficou com muito medo e foi pela segunda vez na delegacia fazer boletim de ocorrência. E também pela segunda vez, não deu em nada. Depois disso, voltou pra casa da mãe. Mas ele nunca deixou de perseguir Manuela, até hoje.

Ficou um ano sem sair com ninguém, porque tinha medo de que ele visse e matasse ela. Depois, conheceu outro namorado, através do facebook. Manuela sabia que ele bebia, mas não sabia que ele usava cocaína. E usava muita. Todo final de semana, ou seja, na maior parte do tempo que eles passavam juntos. Depois de um tempo, quando chegava o final de semana, Manuela tinha pânico. Pânico também porque não queria transar com ele quando ele estava drogado, mas ele tinha que transar todo dia. Sempre, sem falta. Então ela transou muitas vezes sem querer. Só ficava ali, porque ela achava que era algo que ela deveria fazer. Ameaçou algumas vezes ela com uma faca gigante que tinha em casa, enquanto estava na paranoia da droga. Um dia, ele falou pra Manuela: *Tá vendo aquele ônibus ali? Tu quer ver eu te jogar embaixo dele?* E um dia, Manuela conseguiu sair desse relacionamento, mesmo com toda a violência que ele acarretava. Depois disso, encontrou seu marido, com quem mora junto. No começo, foi muito difícil, porque Manuela ficou extremamente desconfiada: *Se ninguém nunca me tratou bem, por que ele tá tratando agora?* Ficou surpreendida pelo fato

de ser amada. Mas hoje já se acostumou e é feliz com ele.

Durante a adolescência, Manuela também teve muito medo de perder a mãe, medo de que a relação delas mudasse por causa do casamento. E foi isso que aconteceu. A atenção que ela dava pra filha, foi acabando. E elas começaram a brigar mais. Começaram a brigar tanto, que um dia Maria falou pra filha que *se eu tiver que escolher entre salvar você e ele, eu não salvo você*. Mas um dia o marido de Maria morreu em uma obra, subindo um elevador de levar material na construção, que caiu e matou ele e um outro trabalhador. Depois disso, Maria entrou em uma depressão muito profunda.

Nesse período Manuela teve que largar o trabalho, porque toda vez que saía de casa, pensava que a mãe iria se matar. E a relação delas foi piorando cada vez mais: elas já não comiam juntas, já não faziam nada juntas, só se falavam, sem nenhum tipo de relação carinhosa ou amorosa. Até quando tava de folga, Manuela ia pro serviço passar tempo, por não querer ficar em

casa. Também tinha largado a escola. Repetiu várias e várias vezes durante os anos, e finalmente desistiu.

Até que chega a pandemia. E com uma diferença de sete meses, o pai e a mãe de Manuela morreram. Pedro morreu no auge da pandemia. Não parava em casa: pegava ônibus, pegava táxi, era o tempo todo pra cima e pra baixo do morro. Não trabalhando, mas sim gastando o dinheiro da Marília. Nessas voltas, acabou pegando Covid. Ele, que já tinha diversos problemas de saúde, foi direto pra internação. Ficou três dias e morreu. E naquele auge da contaminação, ele não teve nem direito a um enterro. Foi enterado sem velório, sem família, sem nada.

O que Pedro deixou pra Marília foram as dívidas de herança. Depois de ter sujado o seu nome, ele sujou o nome da esposa também. E as dívidas foram se acumulando, acumulando e acumulando, ao ponto de ela demorar três anos depois da morte dele pra pagar tudo e poder limpar o seu nome. Nem pro enterro deixou. Marília pagou, mas quem resolveu tudo foi Manuela. O pai,

que desde a separação com a Maria nunca mais tinha visto a filha, fez com que, na sua morte, ela ainda tivesse a obrigação de resolver o que ele não quis em vida.

Maria estava com câncer, linfoma. Ele chegou de surpresa, foi forte, mas Maria estava vencendo, e voltou pra casa, porque já estava melhorando. Só que no meio da pandemia, Manuela ainda era obrigada a ir trabalhar como auxiliar de limpeza. O “fique em casa” só funcionou pra quem é rico, porque a população trabalhadora estava trabalhando. E ela se infectou com o Covid no trabalho, e passou a doença pra mãe. E ela foi ficando mal, ficando mal, piorando... Até que teve que ser internada. Manuela achava que o pior momento da vida dela tinha sido quando a mãe recebeu a notícia do câncer. Achava que ali iria perder sua mãe. Só que na verdade, o Covid foi muito mais devastador. Ele foi acabando com a vida de Maria aos pouquinhos. Ela foi entubada e ficou um mês assim, até falecer. Por muito tempo, Manuela achou que era culpada pela morte da mãe. Culpados são os patrões que não ofereceram boas condições de trabalho pros

trabalhadores. Culpado é o presidente que fez com que a vacina demorasse a chegar. Culpado era quem não usava máscara.

E ali, parecia pra Manuela que a sua vida tinha acabado. Entrou em uma depressão muito profunda. Tomou remédio, mas depois também largou de mão. E tomou e parou de tomar diversas vezes o remédio. Às vezes está bem. Às vezes está mal. Ficou muito mal também quando descobriu, do dia pra noite, depois de dois anos da morte dos pais, que era adotada. Recebeu a ligação de uma familiar biológica, e conheceu a história de sua mãe biológica: uma mulher com deficiência que era estuprada repetidamente e tinha seus filhos doados, em Bocaína do Sul. Depois de saber, não quis mais contato com a família biológica, não quis descobrir mais nada, preferiu ficar desse jeito. Por medo de conhecer a história verdadeira? Por medo de descobrir o tamanho da farsa que acreditava ter vivido? Por vergonha? Por não se sentir preparada? Acho que nem Manuela sabe ainda o porquê.

Na verdade, Manuela vive um dia atrás do ou-

tro. Sem ter nenhum sonho, nenhum desejo, nenhuma vontade; vive um dia após o outro, sem nenhuma pretensão. Acorda, toma banho, vai pro trabalho, trabalha, sai do trabalho, vai pra casa, faz as coisas da casa, toma banho e dorme. E repete, e repete, e repete. Tudo isso porque, provavelmente, ainda existe muita lembrança do seu passado no seu presente.

Mas Manuela é uma pessoa incrível. Uma pessoa que é amiga, é engraçada, é inteligente. É uma pessoa que você pode rir junto por horas. Uma pessoa que se preocupa com quem gosta. Que faz seu telemarketing diário, ligando pros amigos pra contar fofocas e fazer os outros rirem. Que te ajuda. Que se preocupa com quem ela ama e está ao redor dela. E um dia, tenho certeza, Manuela vai conseguir voltar a olhar o mundo com outros olhos e voltar a sonhar.

Conto 07: Bianca

mas não impossível
mas não impossível

mas não impossível
mas não impossível

mas não impossível
mas não impossível

Bianca nasceu em Panambi, no Rio Grande do Sul, uma cidade de 45 mil habitantes conhecida como “Cidade das Máquinas” por ser um grande polo metal-mecânico. Foi criada em um bairro apelidado de “Pau Pega” por causa da violência e das brigas que aconteciam lá. Era uma favela com muitos barracos, casas precárias e chão de barro. Bianca lembra de, nas épocas de chuva, andar com sacola no pé, porque a rua virava um lamaçal gigante. Mas também lembra do senso de comunidade que existia. Todos cuidavam de todos.

Bianca tem três irmãos homens, que foram nascendo depois dela como escadinha: Vitor, Paulo e Jonathan. Junto com seus pais, Carlos e Márcia, e os irmãos, moravam também os avós paternos, Socorro e Abraão. Seus pais se conheceram e foram morar juntos muito jovens; Márcia tinha 13 anos, e Carlos, 15. O pai de Márcia não gostava do genro, e expulsou ela de casa com 13 anos, quando eles começaram a namorar, apesar de criança não namorar. Socorro tenta devolver Márcia de volta pra casa, porque a menina era muito nova, mas o pai já

não aceita, e a partir daí, eles começam a morar juntos.

Quando tinha 18 anos, Márcia, mesmo com toda dificuldade e pobreza, fez tratamento pra engravidar, e assim nasceu Bianca. E a infância de Bianca e dos irmãos foi muito solitária, porque eles ficavam sozinhos em casa, já que Socorro e Abraão morreram quando Bianca era criança e Carlos estava preso. A mãe trabalhava e o pai às vezes sim, às vezes não, mas não cuidava das crianças, mesmo depois de ter sido solto. Ela, como irmã mais velha, acabou fazendo o papel de mãe e pai. Sem querer, criou os três irmãos.

A casa onde viviam era de madeira, bem pequenininha. Depois fizeram um pedacinho com tijolo, que virou a cozinha da casa. O famoso puxadinho. Os irmãos dormiam em beliches que Carlos tinha construído no mesmo quarto dos pais. Em noite de chuva, as goteiras escorriam e deixavam o chão úmido, onde dava até pra escorregar. A bebida da família era erva cidreira, porque eles não tinham dinheiro pro café. Não tinha pão pra tomar café da manhã.

Comiam pirão de feijão ou o que sobrou da janta de ontem. O fogão era a lenha.

Durante a infância, Bianca viu o dinheiro todo que os pais conseguiam trabalhando indo pra bebida, já que os dois tinham vício. E pra completar o clássico, com a bebida que o pai engolia, vinha a vontade de espancar a mulher. Todas as vezes que eles saíam juntos pra beber, Márcia apanhava quando chegavam em casa. Eram provocações, que viravam brigas, que viravam gritos, que viravam desespero e terminavam em sangue escorrendo. Terminava com a cara de Márcia totalmente deformada. A violência dentro daquela casa estava em todas as esferas. E a polícia nunca foi chamada. Nunca foi feita uma denúncia: *a briga em família precisa ficar em família.*

Era comum Bianca conviver com pessoas que fugiam de crimes, que se escondiam na sua casa. Não era tráfico, mas assim como seu pai, pessoas que estavam envolvidas em roubos e assaltos. Normalmente, as pessoas foragidas se escondiam e a polícia nunca achava. Mas teve uma vez que a polícia jogou gás lacrimogêneo com as crian-

ças dentro, e elas saíram correndo da casa. Carlos e Márcia também saíram correndo, mas o assaltante não saía. Até que jogaram outro gás, e ele saiu já passando mal. Bianca lembra muito particularmente dessa cena, de ver o sangue escorrendo no nariz dele enquanto ele saía da casa correndo. Na época, esse tipo de coisa era comum. Bianca não via como algo estranho. Na verdade, no outro dia, ela contava pros amigos, era algo até engraçado. Corajoso.

Quando Carlos tinha 18 anos, assaltou uma casa com vários amigos menores de idade. Eles entraram, bateram no idoso que era dono da casa, roubaram coisas pequenas, e fugiram. Socorro manda ele pra outra cidade e esconde o filho, tentando fazer com que não descubram onde ele está, pra que não seja preso. Achou que tinha ficado livre, até ser condenado 6 anos depois do crime, sem estar presente no julgamento. Foi julgado chefe da quadrilha, porque era o único maior de idade. Ficou dois anos preso no regime fechado, e depois ficou no semiaberto por mais quatro anos.

Na mesma época em que Carlos foi preso, o irmão mais novo de Bianca quase morreu. Ficou internado por meses em um hospital público. Com o filho entre a vida e a morte e o marido preso, Márcia se converte pro cristianismo, e vira evangélica pentecostal.

Depois de 4 anos, Carlos também se converte. Com a conversão, a bebida, o cigarro e o espancamento, acabam. E magicamente, tudo é perdoado, e eles nunca se separam. Nessa época, Bianca já estava com 13 anos, e começa a ir na igreja junto com seus pais. Depois de um tempo, tanto o pai quanto a mãe viram pastores, e então a igreja, onde iam dois dias por semana, vira compromisso diário. Mas Bianca gostava. A igreja era um lugar calmo, em meio à conturbação que era a vida fora dela. Lá ela aprendeu a amar o próximo. Teve acolhimento. Viu seus pais largarem os vícios e viu as pessoas ajudando umas às outras. E foi por causa da igreja que nem ela e nem os irmãos seguiram pelo mesmo caminho que o pai.

Quando Bianca tinha 18 anos, seus pais se mudaram pra Garopaba, em Santa Catarina, porque os amigos da congregação se mudaram e eles foram junto. O que pesou muito pra mudança foi que, ainda em Panambi, Márcia e Carlos começam a ter desavenças com a congregação. Eles achavam que o casal era muito revolucionário, ao permitir que jovens que ainda tinham vícios participassem da igreja e tivessem cargos dentro dela. Eles sofreram bastante perseguição, até que se frustraram e resolveram se mudar.

Bianca e seus irmãos ficaram sozinhos em Panambi, pra Bianca poder terminar o ensino médio. Logo depois, se mudaram também pra Garopaba. Quando Bianca chega, logo começa a trabalhar em um restaurante, o primeiro lugar em que os pais trabalharam quando chegaram lá também. Ficam três anos em Garopaba e voltam depois pra Panambi. Ao longo da vida de Bianca, essa é uma história que se repete muito: os pais não conseguem ficar em um local, se mudam de lugar em lugar até hoje, quando Bianca está perto de completar 40 anos.

Só que quando eles voltam, voltam pro mesmo lugar precário de antes. Com a mesma rotina, a mesma dificuldade de antes. E quando Bianca volta pra igreja que ia antes, já não consegue olhar tudo com os mesmos olhos, porque já não era mais a mesma pessoa. A igreja que antes tinha um olhar mais de assistencialismo, passou a ter mais a ideia de tirar dinheiro dos fiéis pra enriquecimento próprio do pastor. Ela, que antes era considerada uma promessa missionária da igreja, vai parando de frequentar aos poucos, até que interrompe totalmente os vínculos. Primeiro perdeu a fé na instituição, e depois na religião, quando entrou pra faculdade e teve acesso a outros livros que não fossem a Bíblia.

E Márcia e Carlos decidem voltar pra Garopaba. Bianca volta só dois anos depois, porque consegue entrar na primeira faculdade que cursou, de Ciências Contábeis, através do PROUNI. Quando ela volta pra Garopaba, os pais voltam pra Panambi. Morava e trabalhava em Garopaba, mas estudava em Tubarão, e ia pra lá com um ônibus da prefeitura todos os dias em que tinha aula. Dois anos depois, termina um rela-

cionamento e decide ir morar em Tubarão.

Aparece outra oportunidade de trabalho em Garopaba em uma empresa de TI e ela volta de novo pra lá. Quando volta, ganha uma bolsa pra estudar direito, quando estava cursando o sétimo semestre em Ciências Contábeis. Como era bolsista do PROUNI, não poderia ser graduada pra ter a bolsa, e desistiu da faculdade que cursava já com o contrato assinado pra formatura e começou a cursar direito.

Entrou na faculdade de direito com o intuito de ganhar dinheiro, trabalhar na área tributária, mas encontrou um professor que fez o seu olhar pra vida mudar. Ali nasceu um olhar crítico, que questionava. No terceiro semestre, já tinha nascido uma outra Bianca, que queria participar dos grupos de pesquisa, estudar mais... Só que infelizmente trabalhava das 08h às 16h e depois ia pra faculdade. Chegava em casa já meia-noite.

Pra poder aprender mais, sai do emprego e começa a fazer um estágio no Ministério Público. O salário diminuiu muito, mas ela precisava

fazer o estágio, pra realmente decidir o que iria fazer dentro do direito e ter mais currículo. Quando se forma, vem trabalhar em Florianópolis, como associada, ganhando só uma porcentagem do valor dos processos, sem nenhum valor fixo. Às vezes era 300 reais, às vezes 500, às vezes 200 e às vezes nada. Morava na casa de uma senhora com uma amiga, de favor, e pagava 200 reais de aluguel. Dependia da ajuda dos irmãos e da mãe pra conseguir comer e passar o mês.

Chega a pandemia em 2020 e os honorários diminuem cada vez mais. Foi um ano horrível pra Bianca, sem ter muito o que fazer por causa da situação em que o país se encontrava. A luz foi cortada, não tinha dinheiro pra comida, muito menos pra qualquer outra coisa. O chefe queria que ela se dedicasse mais, mas claro, com o mesmo salário. E ela se recusou e foi mandada embora.

Quando foi demitida, o outro advogado falou que, se ela não queria trabalhar tanto, tinha que abrir o próprio escritório e fazer do jeito dela.

E foi o que fez, abrindo um escritório com o seu professor da faculdade, que tinha apoiado ela no tempo da graduação. O negócio durou três anos e meio e fechou. Mas fechou por um bom motivo, apesar de o escritório não estar indo bem: Bianca abriu um escritório com mais duas amigas, e apesar da dificuldade financeira que é montar um negócio desde o início, ela está feliz. Está se reencontrando na área profissional e sendo feliz como nunca foi antes. Milita pelos direitos das mulheres e contra a violência que nos acomete, como mulher e como advogada. Participa de movimentos sociais. Tem amigas que ama como se fossem irmãs de sangue.

Apesar disso, é difícil pra Bianca aceitar o amor. Aceitar ser amada e deixar ser cuidada. O mais difícil é deixar aquela criança que ela não pôde ser, ser cuidada. E por causa disso, Bianca nunca pede ajuda pra ninguém, nunca diz que precisa conversar com alguém. Se autossabota constantemente, com a desculpa de ajudar os outros, pra não ter que romper essa barreira nela. Porque no final, alguma coisa morre quando você vê a sua mãe ser espancada repetidamente quando

you are a child. And making something out of this rebirth, is a very difficult task. But not impossible. It is this task that Bianca tries to do, day after day.

Conto 08: Olívia

Olívia tem 37 anos. É arquiteta, servidora pública. Nasceu em Florianópolis, onde morou a vida toda, mas trabalha no interior, em Jaraguá do Sul, há três anos, desde que passou em um concurso da prefeitura. Florianópolis já é uma cidade conservadora, mas Jaraguá do Sul é pior. A ansiedade de Olívia piorou desde que chegou lá, principalmente por ela ter sido diagnosticada muito jovem com depressão crônica e transtorno de ansiedade generalizada. E quando a ansiedade e a depressão ficam mais fortes, a fibromialgia também é agravada, e Olívia sente muitas dores. Uma coisa influencia a outra, piorando drasticamente a sua qualidade de vida.

Quando ela era criança, os pais, Denise e Jorge, colocaram ela pra fazer terapia, sem perceber que, naquele momento, quem precisava de terapia eram eles, individualmente e como casal. O pai bebia muito. Bebia inclusive pra ir pro trabalho, mas isso nunca afetou a condição financeira dele, porque ele era o dono da empresa. Com as outras pessoas, a bebida não mudava seu humor. Mas com a esposa, ele ficava agressivo, descontando nela tudo o que ele achava que era

ruim. A mãe se trancava com Olívia no banheiro pra evitar que as duas fossem espancadas, e ficavam lá chorando, enquanto ele gritava do outro lado da porta.

Eles se conheceram e se apaixonaram em uma cidadezinha chamada Jundiá do Sul, no Paraná. Cidade pequena, onde todo mundo se conhece. Jorge nasceu em uma família pobre, que trabalhava em fazenda de café. Foi bancário antes de abrir a própria empresa. Denise nasceu em uma família que tinha uma padaria que também era bar, então as condições eram melhores. Ela, que só tinha irmãos homens, foi obrigada a ser a empregada da casa e em vez de quebrar esse ciclo com a sua filha, deu continuidade. Denise trabalhou a vida toda no Banco do Brasil, também como bancária.

Olívia nunca viu os pais felizes, como um casal. Mesmo assim eles tiveram mais um filho, Matheus. Pra cuidar da casa, os dois traziam meninas adolescentes ou mulheres jovens do interior do Paraná, pra pagar o mínimo possível, pra que elas cuidassem da casa e dos filhos.

Uma delas, Ana, teve muita proximidade com Olívia. Deixou seus dois filhos no interior, pra poder cuidar dela e de seu irmão na cidade. Ana fez o papel de mãe pra Olívia, firmando seu caráter, muito mais do que seu pai ou sua mãe.

Os pais se separavam e voltavam muitas vezes durante todo o casamento. Supostamente durante uma dessas separações, Jorge engravidou uma menina, e foi pai pela terceira vez quando nasceu Letícia. Quando Olívia estava entrando na adolescência seus pais finalmente se separaram. No final de semana que seria pra Jorge ficar com os filhos, ele, ao invés de levar pro parque ou pro cinema, levava os filhos pro bar.

Com tudo o que a mãe sofreu, ela se tornou uma pessoa amarga. Narcisista. Olívia cresceu em um pé de guerra com a mãe. Nunca tiveram uma boa relação, apesar da mãe ajudar financeiramente Olívia. Mas o carinho, o amor... Esse nunca foi compartilhado entre as duas de verdade.

O pai, depois da separação, namorou diversas jovens. Quando Olívia tinha 15 anos, o pai

“namorava” uma menina menor de idade, com 17 anos. Ele tinha 42. E apesar de todos ao redor acharem estranho, ninguém mexeu um dedo pra denunciar essa situação, porque não existe um crime mais normalizado na sociedade do que a pedofilia. Depois se casou novamente com uma prima dele, Valda, e teve mais três filhos: Heloísa, a mais velha, e Marcos e Daniel, que são gêmeos, totalizando assim seis irmãos.

Olívia conviveu com os irmãos durante os domingos, indo nos almoços de família na casa do pai e da nova esposa. Até o aniversário de cinco anos da Heloísa, a última vez em que ela viu o pai, 12 anos atrás. Na festa, Olívia levou sua namorada, assim como todos tinham levado seus namorados. Olívia nunca teve medo de sair do armário: ser bissexual pra ela sempre foi natural e nunca foi um motivo de vergonha. Como não mantinha uma relação muito boa com o pai, nunca contou pra ele que gostava de mulheres, e isso foi um motivo pra Jorge ficar indignado e vomitar todo o seu preconceito. No dia em si, não falou nada. Mas depois mandou um email pra Olívia, já que vivia com o celular quebrado.

“Olá filha, meu celular está com problema. Aquela gurria que tava na festinha da Heloísa, que tem cara de sapatão, é sua amiga ou algo mais? Espero que essa seja a única vez que terei que me manifestar sobre essa irracionalidade sua. Você não é homossexual, está apenas escondendo a realidade, como sempre o fez. A transgressão é a regra que norteia as suas relações humanas, sempre foi sua marca. Trocando em miúdos, sempre foi do contra. A homossexualidade é via de regra uma sem vergonhice, uma safadeza. Diria que você precisa de acompanhamento psicológico para voltar a si. Sou forte, mas você não imagina o quanto estou envergonhado, a ponto de pensar em sumir, abrir um buraco e me enterrar vivo, pois fatalmente serei alvo de chacotas por parte da nossa família e amigos. Eu não merecia isso, porque desde que você nasceu, sempre fiz o melhor que podia. Se fosse para viver homem com homem e mulher com mulher, a espécie humana já estaria extinta a milhões de anos, concorda? O melhor que você tem a fazer se quiser manter essa posição, é se formar e procurar um lugar bem longe para morar, de preferência em outro país. Um pedido, se puder me atender, não propague o homossexualismo nessas redes, no mínimo estará diminuindo minha

vergonha. Se aceitar minha sugestão de tratamento psicológico, estarei sempre disponível. Deus te abençoe”.

Olívia postou o email que recebeu do pai no Facebook. E eles nunca mais conversaram. Denise abriu o processo de pensão alimentícia quando eles já tinham quase 18 anos e descobriu que Jorge nunca colocou uma empresa no próprio nome, pra não demonstrar pra justiça que tinha dinheiro. O final de tudo isso, depois de mais de 10 anos de processo, foi um acordo de indenização, depois de ele ter passado uma empresa pro nome da esposa, e o advogado conseguir comprovar a união deles. 80 mil pra Olívia e 80 mil pra Matheus, pelos anos em que não foi pai. 160 mil reais é o preço do abandono? 160 mil reais paga o trauma da violência doméstica e de não ter o pai presente?

Denise recebeu um dinheiro de indenização do Banco do Brasil e deu um apartamento pra Olívia, duas semanas antes de ela receber a notícia de que tinha passado no concurso e ter que se mudar pra Jaraguá do Sul.

Há uns dois anos atrás, estava voltando de Florianópolis pra Jaraguá do Sul e recebeu uma mensagem de um dos gêmeos, Daniel: *Mana, o papai já bateu na sua mãe alguma vez?* E foi assim que Olívia descobriu que o pai chegou bêbado e enforcou Valda até quase matar, porque viu que ela tinha feito um vídeo pra colocar no Instagram divulgando a empresa dele. Heloísa tava com duas amigas em casa, e as três subiram correndo pra ver o que tinha acontecido, porque escutaram alguns gritos de Valda. Elas conseguiram tirar Jorge de cima dela, junto com o Marcos e Daniel. Cinco pessoas pra retirar ele de cima da esposa. E mesmo vendo toda a situação, a Heloísa pediu pra mãe não denunciar o pai. E ela não denunciou. Quem sabe um dia ela perceba que está vivendo com o agressor da sua mãe. E que esse agressor é o seu pai.

Em um dia que os filhos não estavam em casa, Valda ligou pra Olívia dizendo que iria aproveitar que não tinha ninguém pra fazer a denúncia. Olívia viajou mais de 200 quilômetros pra ajudar a esposa do pai a fazer o boletim de ocorrência e a pedir a medida protetiva. Jorge

teve que sair de casa, e assim ela voltou pra Florianópolis. Até que na Páscoa, ela viu uma foto dos dois e a mãe da Valda em uma igreja. Eles tinham reatado, em nome de Deus, porque Deus gosta de ver as pessoas casadas.

Mas será que Deus gostou de ver ele batendo na mãe de Olívia? Será que Deus gostou de ver ele quase matando Valda enforcada na frente dos filhos? Será que Deus perdoa os homens que abandonam os filhos e praticam violência doméstica?

E Valda não falou com Olívia, até precisar, por motivos financeiros. Heloísa continua amando o pai, porque *o que ele fez com a minha mãe, é um problema deles, eles que tem que resolver.*

No último ano, Olívia teve um episódio de burnout no trabalho, que fez com que ela ficasse afastada quatro meses. Não por quantidade de trabalho, mas pelas pessoas com quem é obrigada a conviver depois que passou no concurso e pelas agressões verbais que isso acarreta. Passou três semanas internada em uma clínica psiquiátrica,

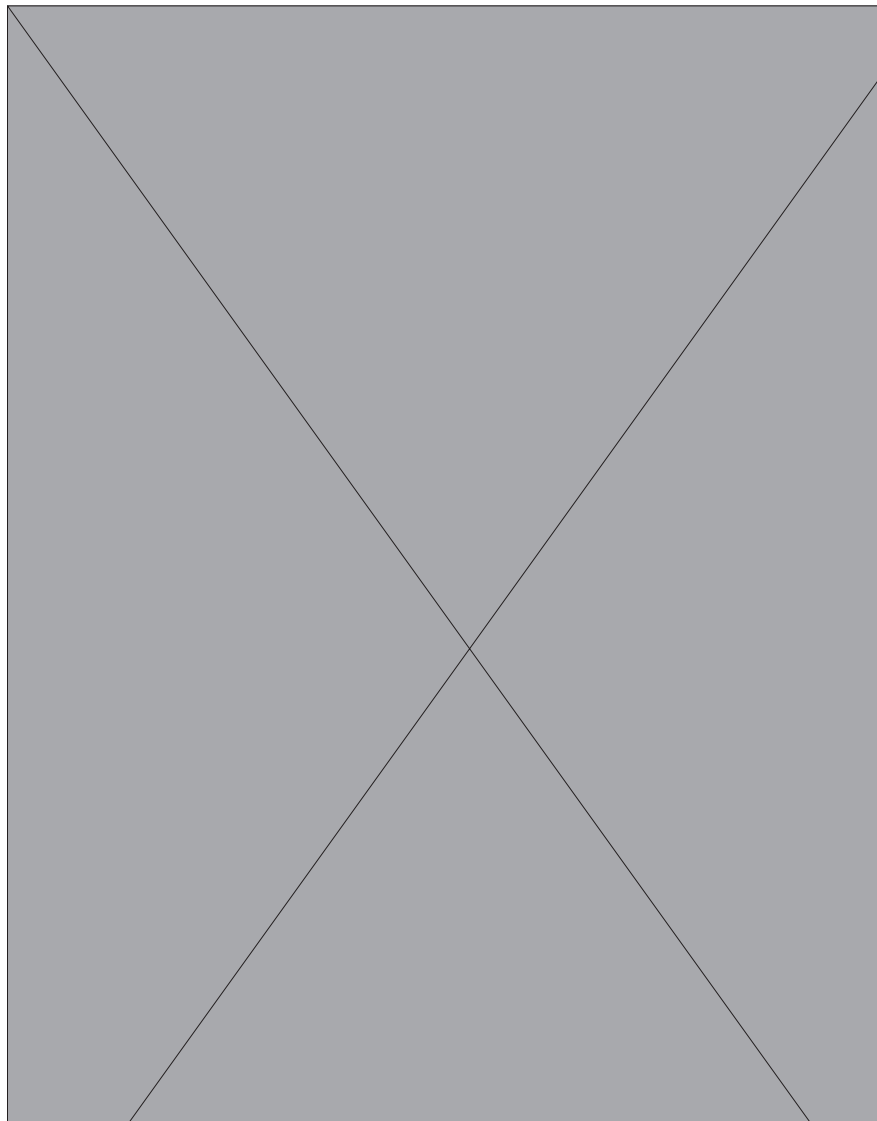
porque tinha pensamentos sobre se matar. Se a clínica ajudou ou não, ela ainda não tem certeza.

Hoje está tentando cuidar mais de si mesma. Tenta reduzir os danos que foram causados a ela, principalmente pela sua família e por relacionamentos, e os que ela mesma causou em sua vida, como consequência da compulsão alimentar. Está se priorizando, cuidando de sua saúde mental, da sua saúde física e tentando curar o seu coração. Está há dez anos solteira, porque acredita que hoje, pra entrar em um relacionamento, ele precisa ser saudável. Não quer repetir a história dos pais, ou a história de Valda. Olívia sonha com alguém pra dividir a vida. Alguém que não queira ter filhos. Que goste de viajar, ir a festivais de música, que seja companheiro(a).

Apesar de ter muitas incertezas na vida, a maior certeza que Olívia tem é que não quer voltar a falar com o pai. Porque apesar de tudo, apesar de não ter uma boa relação com a mãe, ela enxerga e tem certeza de que nenhuma mulher merece passar pelo que sua mãe passou. Ou pelo que sua madrasta passou, passa e irá, provavelmente,

ainda passar. Ela tem certeza que toda mulher merece ser livre. E feliz.

Conto 09: Keila



Keila tem 29 anos e trabalha como auxiliar de limpeza. Mora no Monte Verde, em Florianópolis. Nasceu em Floripa mesmo, mas sua mãe, Patrícia, veio de Nova Veneza, e seu pai, Ronaldo, ela nem lembra direito, mas acha que é de Guaramirim, ambas cidades do interior de Santa Catarina.

Patrícia teve dez filhos. Um ficou em Nova Veneza, e sua mãe criou. Os outros nasceram já em Florianópolis. Dos dez, só quatro são filhos de Ronaldo, três meninas e um menino, e seis são divididos entre os outros três casamentos que ela teve antes de conhecer Ronaldo.

Quando era criança, Keila não brincava. O pai não deixava ninguém brincar perto dele. Ele forçava os filhos a ler sentados na sala e a estudar, durante todo o tempo. O mais curioso é que Ronaldo era analfabeto. Fazia os filhos lerem pra ele, enquanto falava que *se tu errar uma letra, vais apanhar!* E não sabia ler uma só palavra. Quando o pai ia pro bar beber, Patrícia deixava os filhos irem brincar no campinho, mas quando Ronaldo estava voltando do bar, ela ia correndo

chamar eles no grito: *Anda, anda que o pai de vocês tá chegando! Vem fingar que tão estudando!*

Ronaldo era alcóolatra. Ele ser pai de Keila ou não, nunca fez diferença, porque ele não agia como pai. Criticava e criava os filhos com muita grosseria, era um inferno. Ele colocava os filhos pra almoçar, ligava a televisão pra ele ver e falava: *Quem olhar pra televisão vai apanhar.* Ele criou os filhos desse jeito, porque o pai dele ensinou ele assim. Fez igual, mesmo não gostando de como foi a sua infância. Acreditava que só a dor forjava o ser humano.

As crianças estudavam na parte plana, e tinham apenas meia hora pra subir o morro e chegar em casa. Um minuto de atraso era o suficiente pra apanharem, então subiam o morro correndo. A alma chegava antes do corpo, com medo das porradas do pai. Ele pedia pros filhos não falarem na rua que eram filhos dele. Quando se encontravam na rua de casa ou em outro lugar, ele passava pelas crianças como se não conhecesse elas. Não tinha demonstração nenhuma de sentimento, além da indiferença. Ronaldo nunca foi

em nenhuma apresentação da escola dos filhos. No dia dos pais, Keila entregava a cartinha que fazia no colégio pra mãe entregar pra ele, porque tinha medo da reação.

Patrícia era empregada doméstica e babá e muitas vezes não podia dormir em casa e cuidar dos filhos, porque era obrigada a dormir na casa do patrão. Quando ela chegava, perguntava aos filhos se Ronaldo tinha judiado deles. E ia bater em Ronaldo, defendendo os filhos. Mas quando ela saía, Ronaldo descontava tudo nas crianças. E Keila, por ser a mais nova, apanhou mais do pai do que qualquer outro irmão. De alguma forma, fazia sentido na cabeça dele. E isso virava um ciclo de violência dentro daquela casa. Foi uma infância triste, sem amigos, sem risadas, sem alegria.

Keila não lembra se o pai traiu a mãe, mas é provável que sim, porque muitas vezes ele não voltava pra casa. E isso se transformava em uma briga gigantesca dentro de casa. Repetidas vezes. Ronaldo quebrava tudo e depois comprava tudo de novo. Patrícia mandava ele pra fora de casa,

mas depois ele dava um buquê de rosa, e voltava pra casa. Com uma flor, Patrícia acreditava que ele iria ser diferente, que ele iria mudar. A relação chegava a melhorar por algumas semanas, mas depois vinha tudo de novo. Keila nunca viu eles felizes juntos, sorrindo; era sempre um pé de guerra.

A felicidade chegou na casa deles, quando o pai morreu. Keila tinha 10 anos e ele morreu de câncer no esôfago. As crianças ficaram felizes, porque podiam brincar. Podiam, na verdade, realmente ser crianças. No dia do enterro, Keila conheceu a avó, mãe do pai. Nunca tinha visto ela, porque ela não queria ir conhecer os netos. Pra ela, Patrícia tinha transado com outros homens, porque os filhos não poderiam ser de Ronaldo. Provavelmente, era o preconceito por esse ser o quarto casamento de Patrícia.

Quando estavam fazendo a organização e limpeza das coisas do pai na casa, depois do seu falecimento, descobriram uma infinidade de doces escondidos dentro do guarda-roupa. Ronaldo dizia que fazia o mercado e que os filhos comiam

escondido, mas na verdade era ele que pegava a comida e guardava, mas nunca comia; era só pra que os filhos não pudessem comer.

Depois que o pai morreu, Keila teve sua primeira festa de aniversário. Patrícia tentou de alguma forma consertar tudo o que não pôde fazer quando Ronaldo era vivo. Mas não podia fazer muito também, porque trabalhava demais pra sustentar os filhos. Ela cuidava dos filhos dos outros, mas não conseguia cuidar dos próprios filhos direito, pela falta de tempo.

Com 16 anos, Keila engravidou da Carolina e saiu do colégio. Conheceu o pai da sua primeira filha porque a família dela cuidava de uma sobrinha dele. Foram conversando, se conhecendo e logo ela engravidou, com sete meses de namoro. Saiu da casa da mãe, e foi morar com o namorado. Ele fez o mínimo: nunca levantou a mão pra Keila, nunca elevou a voz. Tratava ela bem, e por um período ela foi feliz. Mas com o tempo a relação foi desgastando, principalmente depois que ela foi morar em Pernambuco com ele. Lá, descobriu uma possível traição e voltou

pra Florianópolis. Ele voltou pro Sul atrás dela, mas como o relacionamento realmente não foi adiante, quando Carolina tinha dois anos, ele quis voltar pra Pernambuco.

Nessa época, Keila foi viver a adolescência que ainda não tinha vivido. Deixava a filha com Patrícia, e saía sempre. Nunca perguntou se a mãe podia cuidar da sua filha, apenas deixava Carolina lá. Passava dias fora de casa, saindo na quinta e voltando na terça-feira. Chegou inclusive ao ponto de fazerem divulgação de desaparecimento, enquanto ela tava na farra todos os dias. Keila achou que pra ser feliz precisava excluir a filha da sua vida. Nessa época, foi quando o ex chegou e falou que iria voltar pro Nordeste, e Keila falou que *a filha também é tua, então pode levar!* E ele levou.

Não lembra exatamente onde conheceu o pai da sua segunda filha, Natália, 20 anos mais velho que ela. Talvez estivesse bêbada. Também não lembra quando, nem como, mas foi morar com ele. Descobriu que estava grávida já com seis meses, quando foi na UPA. Ele queria que

ela fizesse um aborto, porque ele não queria ter a filha. Mas Keila quis, então tiveram. Quando ela contou pra todo mundo, recebeu a ligação de uma mulher de Pernambuco: a esposa do marido dela. E assim ela descobriu que ele tinha quatro filhos e uma esposa em Pernambuco, através de um SMS: *Sua safada, você tá destruindo o meu casamento.*

Mas ela continuou com ele, porque tava grávida e não tava trabalhando e ele se separou da mulher. Ele, que também era de Pernambuco, assim como o primeiro marido dela, quis voltar pra lá e Keila foi junto. Quando moravam em Florianópolis, ele nunca levantou um dedo contra Keila, mas chegando em Pernambuco, essa história mudou. Ele cheirava muita cocaína, e Keila sabia, mas nunca achou que isso iria fazer mal pra ela. Demorou três dias pra que ele espancasse Keila dentro de casa, porque supostamente *vi alguém pular a janela antes de eu chegar.* A mulher dele já tinha avisado: *Eu passei dez anos apanhando, tu acha que contigo vai ser diferente?* Keila respondeu que *se ele te batia, é porque tu merecia.* E foi assim que ela aprendeu,

deu, do pior jeito possível, que ninguém merece sofrer violência doméstica. Ele, no meio de tanto surto, proibiu Keila de comer. Ele batia em Keila com Natália nos braços. Keila tinha que usar as suas blusas como fralda pra Natália, porque ele se recusava a comprar. Depois lavava as blusas e vestia de novo.

Aguentou um mês nessa situação. Fugiu de casa e saiu na rua em busca de ajuda, e encontrou a ex-mulher do marido. E foi ela que ajudou Keila, fazendo com que ele parasse de bater nela, ameaçando chamar a polícia. Com isso, ele deu dois dias pra Keila voltar pra Florianópolis, *se não eu vou te matar.* Deu um jeito de entrar em contato com a mãe, que pegou suas economias e comprou uma passagem no outro dia pra filha voltar pra casa.

Depois disso, ele ainda voltou pra Florianópolis, porque queria reatar o relacionamento com Keila. E ela ficou trancada dentro do quarto com Natália por um ano, com medo de sair na rua e encontrar ele. Não ia nem na venda sozinha.

Quando sua filha mais velha estava com 7 meses, seu irmão morreu em um acidente de moto, indo trabalhar. E isso se juntou com os traumas da infância e o fato de Carolina ter ido pra Pernambuco duas vezes, e voltado duas vezes, da pior maneira. E ela foi se afundando na depressão. Pra piorar, todo mundo da sua casa falava que era frescura. Mas no meio disso tudo, ela teve uma amiga que acreditou nela, Manuela. Se não fosse Manuela, talvez Keila não estivesse aqui hoje, contando essa história, porque ela tinha muitos pensamentos suicidas.

Manuela conseguiu arrumar um emprego pra Keila em uma terceirizada, pra trabalhar como auxiliar de limpeza. E o fato de ter trabalho ajudou muito Keila a tomar um novo rumo. Ela também ia no posto de saúde pra conversar com as enfermeiras, porque tinha muitas crises de choro. Um irmão também ajudou ela, e foi melhorando. Os primos, que eram traficantes no morro, proibiram que o ex entrasse ali, e assim, aos poucos, ela foi voltando a sair de casa. Esse ano viu ele no Centro de Florianópolis e quase desmaiou. Ele passou do lado dela e não

reconheceu. Passou como se ela não fosse nada.

Trabalhando na faxina, conheceu o pai da sua filha mais nova, Paula. O relacionamento começou bem e logo foram morar juntos. Depois de um tempo, não se lembra como, Keila descobriu que estava grávida. A gravidez foi uma tormenta, porque ele bebia muito. Bebia em casa e, quando a bebida terminava, ia pra rua beber e deixava Keila grávida em casa. Dizia que estava indo trabalhar, e estava com a amante. Dizia que tinha churrasco da empresa, e também estava com a amante. E começou a desconfiar de Keila, querendo inclusive colocar um GPS na bolsa dela, pra saber onde ela ia durante o trabalho. Chegou a mandar mensagem pro fiscal dela, pra perguntar onde ela estava e o que estava fazendo.

Paula estava ficando com as extremidades e a boca roxa. Keila levou ela pro posto, onde a médica disse que *a criança estava assim porque a mãe e o pai são negros, então a boca fica assim mesmo*. E Keila, obviamente, não se conformou. Tentou pedir uma requisição pra um cardiologista, mas a médica não quis dar. O pai de Paula,

em vez de ajudar pagando uma consulta particular, gastava todo o dinheiro em bebida. Até que Keila surtou e brigou com ele, que foi falar com o patrão, e o patrão dele pagou a consulta e os remédios que Paula precisou.

Depois disso, Paula teve uma infecção no ouvido, que foi pra um osso no crânio. E foi a partir daí que o terceiro casamento de Keila começou a terminar. Paula teve que ficar cinco dias internada, chegando no hospital quase morta, direto pra sala de reanimação. O pai ficou só um dia lá como acompanhante, e ainda reclamou muito por ter que ir. Depois disso, as brigas começaram a aumentar, inclusive com ele dizendo que elas não eram a família dele. *Minha família é só os meus irmãos.* Keila falou que *se a tua família são teus irmãos, vai embora dessa casa.* E ele foi. Foi, mas não antes de tentar enforcar Keila porque ele queria metade da casa da mãe dela.

Pega a filha de vez em nunca pra passar um tempo com ele. Quando ela era mais pequeninha, Paula sempre voltava machucada da casa dele com a cara ralada, hematomas pelo corpo,

sem um pedaço do dedo. Durante o processo de pensão e guarda, ele não sabia o nome da professora, não sabia nada na verdade, nem a creche em que ela estudava.

Há dois anos, Keila concluiu pelo ENCEJA seus estudos. Decidiu voltar a estudar por causa da filha mais velha. Ela cobrava muito que a filha estudasse, pra ser alguém na vida. Até que um dia a filha falou pra ela: *Tu vai ser o que na vida, se tu não estudou?* E assim uma chave virou na cabeça de Keila. Tentou também estudar enfermagem, mas a falta dinheiro não deixou. Em janeiro de 2026 vai se formar no curso de necrópsia, necromaqueagem e tanatopraxia que está fazendo.

Hoje Keila mora com Patrícia, em uma casa que elas dividiram pra formar duas. Sonha em proporcionar uma vida melhor pra mãe, porque ela sofreu muito no passado pra criar seus dez filhos.

Keila fica feliz por saber que não cria suas filhas mais novas da mesma forma que seu pai “criou” ela. Não existe violência dentro de casa.

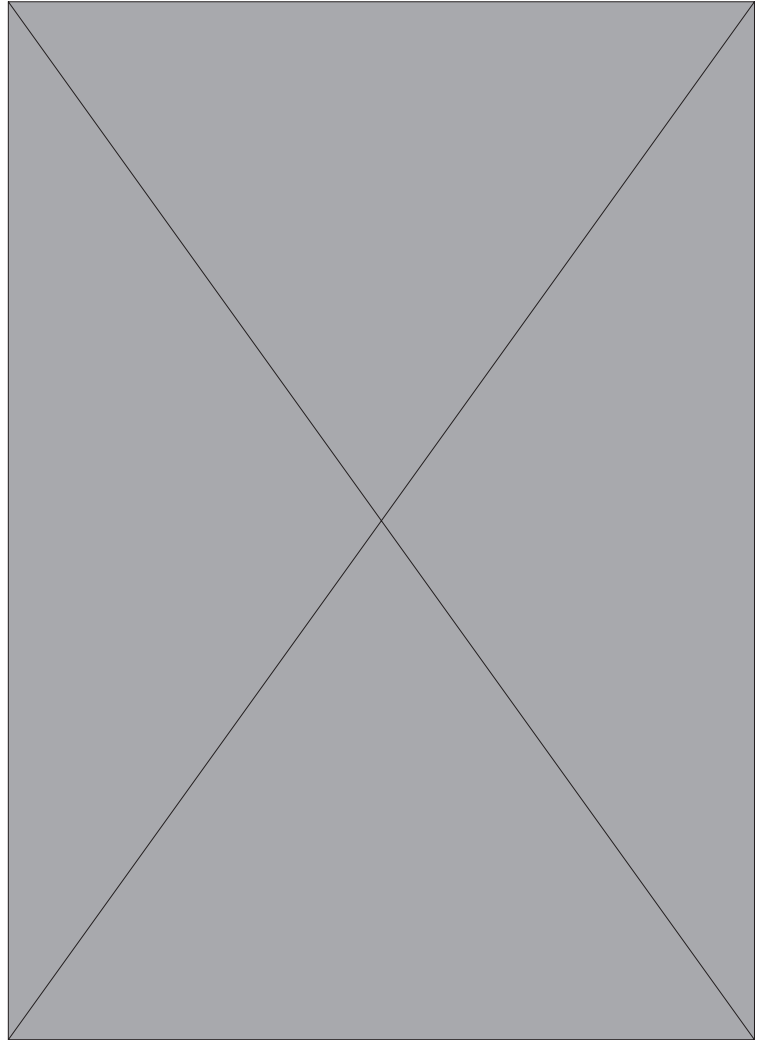
Mas repete a história da mãe, de trabalhar muito fora de casa pra trazer o sustento pra dentro: *Ah mãe, tu só quer trabalhar, trabalhar, trabalhar.* Trabalha pra dar um futuro diferente do que ela teve, um futuro em que o dinheiro não impeça elas de terem a profissão que escolherem.

Se arrepende muito de ter abandonado Carolina nos seus dois primeiros anos de vida, e tenta hoje recuperar a relação de mãe e filha, mesmo à distância. Keila sabe que pode demorar, porque a filha tem um pé atrás em relação à mãe ainda, mas ela vai continuar esse caminho de reconciliação com amor. Sonha também em levar Natália e Paula pra Pernambuco, pra que as três fiquem pela primeira vez juntas fisicamente, e não só por chamada de vídeo no telefone.

Hoje está melhor consigo mesma. A depressão foi embora, e ela vive uma vida de muito trabalho e estudo, mas também de muita alegria. Foram as mulheres que passaram pelo caminho dela que salvaram ela do feminicídio, da depressão e de tudo de ruim que passou pela sua vida. Keila hoje é o que é pela união das mu-

lheres, mesmo com todos os desafios, porque quando elas se unem, as coisas sempre caminham pra um lugar melhor.

Conto 10: Thais



Thais acabou de completar 40 anos. Nasceu em Belford Roxo, no Rio de Janeiro, e hoje mora em Florianópolis. Thais nasceu do sonho de Ivete, sua mãe, de construir uma família no estilo propaganda de margarina. Ivete já tinha uma filha fora do casamento, Diana, que teve com um homem casado, e Miguel, pai de Thais, sabia disso.

Quando era pequena, Ivete já cuidava de outras crianças, seus irmãos. Ela tinha que buscar água no poço pra dar banho, dar comida, vestir as crianças pra escola, limpar a casa, entre muitas outras coisas. O estudo, pra ela, nunca foi colocado como uma coisa importante e por isso ela cresceu com a ideia de que o casamento era o mais importante, era o objetivo de vida a ser alcançado.

Miguel diz que conquistou Ivete pela fome. Ela trabalhava em uma loja na época, e ele ia visitar ela todos os dias com algo pra ela comer de lanche, no meio do expediente. Tempo vai e tempo vem, e eles decidiram ir morar juntos, na casa da sogra, Marlene. A sogra esculachava

Ivete, jogando todos os dias na cara dela a filha que ela teve fora do casamento. Dizendo que ela era uma mulher que não merecia nenhum tipo de respeito.

A situação ficou insustentável e, depois de um tempo, Miguel e Ivete se mudaram pra um apartamento com Diana, pra ficar longe da sogra. Depois de um tempo, Ivete engravidou de Thais. Os primeiros anos de Thais foram de muita miséria, porque a família passou por muitas dificuldades econômicas. Nessa época, Ivete trabalhava como empregada doméstica e Miguel era um faz tudo no escritório de um parente dele, que era advogado. Pra ajudar no orçamento de casa, Miguel também trabalhou como administrador do prédio, então eles moraram de forma quase gratuita ali.

Só que ali naquele prédio, todo mundo conhecia ele pelo quanto ele berrava quando bebia. Pelo barulho que ele fazia quando chegava em casa, batendo tudo, fazendo um escândalo que todo o prédio acordava. Se Miguel não chegava entre quatro e cinco horas da tarde na sexta-feira,

todas na casa já sabiam que seria uma noite ruim, porque ele tinha ido pro bar beber. Thais ainda tem pânico quando lembra do barulho dele mexendo no molho de chaves pra abrir a porta.

Seu pai nunca chegou a bater na sua mãe, mas conseguiu acabar com a saúde mental dela até ela chegar num estado de colapso. Acabou com o financeiro também. Durante o final de semana, Miguel ostentava com quilos de carne em um churrasco e depois passavam a semana inteira sem comer direito. Ele não dava um real pra Ivete, que tinha que economizar cada centavo se quisesse comprar algo pra ela ou pras filhas. Sem contar o gasto em bebida, que era enorme. Thais nunca teve roupa nova quando era criança, só roupa de doação. A primeira mochila que teve pra ir pro colégio foi na terceira série, antes ia com tudo na mão. O maior sonho que ela tinha nessa época era ter uma escrivinha pra estudar.

Os pais nunca assumiram sua vida financeira, porque Thais sempre ajudou eles com dinheiro, desde que saiu de casa com 16 anos. 2025 foi o

primeiro ano em que ela conseguiu se desligar dessa obrigação e estabelecer um limite.

Durante a infância, Ivete nunca demonstrou afeto por Diana e Thais; o afeto ficou pros irmãos que ela criou quando era pequena. Thais tinha ciúme da mãe com o filho da patroa dela, que ela cuidava quando trabalhava de empregada doméstica, porque com ele, ela demonstrava carinho. Em alguns momentos Thais ficou doente, e quem socorreu e levou ela pro médico foram os vizinhos, porque os pais nunca estavam preocupados. Todos dormiam em um só quarto, o que significava que Thais e Diana participaram e viram tudo, incluindo as brigas e o sexo dos pais. Em muitas noites, Thais chorava e pedia pra Deus pra ela morrer, pra que o sofrimento acabasse.

Ivete uma vez levou Thais pra uma excursão que ia pra Aparecida do Norte, no interior de São Paulo. No meio da noite, uma parte do grupo foi pra outro ônibus, e Ivete mudou de ônibus com as irmãs, deixando Thais sozinha. Quando ela acordou, o ônibus estava estacionado e sem

ninguém, só com o motorista. Ela saiu chorando do ônibus, foi caminhar, assistiu a missa... Tudo sozinha. Ela foi ficando com muita, muita fome, porque não tinha dinheiro pra comer. Quando já não aguentava mais, encontrou um ônibus que estava indo pra Niterói, lendo pelas placas dos ônibus. As pessoas que estavam no ônibus se preocuparam e ajudaram Thais a ligar pra vizinha, que ela sabia o número de cabeça. Ela voltou com essas pessoas, e quando chegou em casa, a mãe voltou como se nada tivesse acontecido, com as sacolas de compra. Thais tinha 7 anos.

Pela confusão que fazia, Miguel perdeu a administração do prédio e eles tiveram que se mudar pra casa da irmã de Miguel, até conseguirem construir a própria casa. Quando Diana tinha 15 anos, começou a juntar todo o dinheiro que conseguia pra comprar um terreno e construir uma casa. Ela tinha a ilusão de que comprando uma casa, poderia salvar a mãe, tirando elas da violência que passavam. Com 20 anos terminou a casa, passando inclusive fome e outros tipos de necessidade durante esses anos. Ivete chegou a se separar de Miguel e ir morar com Diana, mas

deixou Thais morando com ele. E ela lembra do dia em que chegou em casa e as coisas da mãe não estavam mais lá, e o seu pai disse: *a sua mãe deixou a gente*. Na hora, ela não entendeu bem, mas foi uma lembrança que ela levou pro resto da vida.

O pai, em vez de criar Thais, largou ela na casa da tia. Não ligou, não avisou, apenas pegou tudo dela e levou pra casa da irmã. *É mulher e é solteira, então tem que cuidar*. Apesar de tudo, Ivete voltou a sair de novo com Miguel, escondida das filhas. Começou a ficar agressiva com Diana, porque não queria ajudar em nada. Não queria ajudar a pagar nenhuma conta, não queria ajudar a limpar a casa, não queria ajudar a cozinhar.

A relação de Thais com a mãe também nunca foi boa. Enquanto Thais era adolescente, a mãe usava palavras horríveis pra se referir à filha: *vagabunda, piranha, puta*. E foi justamente nessa época que os pais voltaram a morar juntos. Miguel construiu uma casa no quintal da irmã, também sem pedir autorização, e Ivete se mu-

dou pra lá. Nessa idade, Thais era muito asse-diada. Com corpo de atleta, com 12 anos ela passava pela rua e tinha que ouvir coisas como *que bucetão*. Roçavam nela no ônibus, forçando ela por trás. Uma vez ela dormiu no ônibus e quando acordou, o homem que tava sentado ao lado dela tava batendo punheta.

Ela foi criada na casa dos outros, pelos pais das amigas que ela ficava na casa quando era criança, mas principalmente quando era adol-escente. Uma amiga trocou de escola e ela quis trocar também. Sozinha, conseguiu cancelar a matrícula na escola e fazer sua inscrição na outra, sem a presença dos pais. De mentira em mentira pela ausência dos pais, conseguiu resolver tudo.

Thais não conseguiu durar muito tempo na casa dos pais e, quando tinha 16 anos, saiu de casa pra morar junto com um homem de 30, seu “namorado”. Entre aspas, porque o nome disso é exploração sexual, não relacionamento. Mas na época, ela não percebia e ficou com ele por 14 anos. Thais estudava e trabalhava muito, e ele vivia da pensão que a mãe dele ganhava por-

que o pai, que era militar, tinha morrido. Era 10 mil por mês e ele ainda vivia sempre fodido de grana. Terminou com ele já quando fazia faculdade de Pedagogia na UFF, no Rio de Janeiro, depois de ter conseguido estudar por um cursinho comunitário. O relacionamento tinha virado uma amizade. Uma péssima amizade. Quando faltava um mês pra Thais completar 30 anos, ela terminou com ele. E logo começou a namorar com um homem que mentia por di-versão. Mentiu que a mãe dele estava com problemas, e foi morar com Thais em pouquíssimo tempo. Depois inventou que a sua casa tinha alagado, pra não ter mais que voltar pra própria casa.

Thais recebeu uma proposta pra trabalhar no Rio Grande do Sul, e ele foi junto. E longe da família, ela conseguiu perceber o quanto ele maltratava ela. O quanto ele traía. O quanto infernizava a vida de Thais. Ela tentou, várias vezes, fazer com que ele voltasse, mas ele não tinha nem o dinheiro pra voltar. Chegou a ter até uma medida protetiva contra ele, e ele só não foi preso em flagrante porque policial sente

pena de homem que bate em mulher. A maior alegria dos homens é o isolamento que a violência doméstica causa. Thais teve oito abortos naturais dele. Engravidou e perdeu, oito vezes. O último foi uma gravidez ectópica e ali, ela perdeu a chance de gestar um filho, porque perdeu uma parte do aparelho reprodutor.

E o que ele fazia enquanto isso? Ia atrás de prostituta na hora do almoço. E com ele, Thais murchou de verdade: a alegria, a beleza, a vontade de viver, o dinheiro... Tudo foi embora. O relacionamento durou um pouco mais de 3 anos e só terminou porque a sua chefe, sabendo de tudo, demitiu ela, pra que ela pudesse voltar pra casa. Mesmo assim, ele voltou com Thais pra Belford Roxo e só deixou ela em paz quando ela foi atrás de uma proposta de emprego em Florianópolis. Ela disse pra ele que, assim que chegasse, enviaria o dinheiro da passagem pra ele. Mas chegou, e terminou de vez.

Ele ficou mais alguns dias levando mulheres pra casa da Thais em Belford Roxo, até que os pais dela tiveram que ir lá e tirar ele da casa.

E ela foi ficando em Florianópolis. Depois de alguns anos, conheceu seu atual companheiro, com quem vive em paz. A estabilidade, no começo, assustou Thais, que estava acostumada a sempre viver com a adrenalina alta, esperando a próxima confusão que iria estourar.

Thais iniciou na militância há muito tempo, quando fez ressurgir o grêmio estudantil na escola, e hoje se reconhece firmemente como feminista, e atua em pautas de defesa das mulheres. Além disso, o surgimento de um certo presidente, genocida, fez com que ela ficasse ainda mais atuante.

Hoje faz sua pesquisa de doutorado, na Universidade Federal de Santa Catarina. Pra menina que sonhou durante muito tempo em ter uma escrivaninha, hoje ela chegou no doutorado em uma universidade pública. Na sua dissertação do mestrado, colocou que dedicava o trabalho *para a menina que queria uma mesa antes de uma cama*. Porque ela não tinha nem cama, mas queria a escrivaninha. Diferente da mãe, o sonho dela, sempre foi o estudo.

Hoje ela sonha em ser professora em alguma universidade pública. Já deu muitas palestras pelo estado de Santa Catarina, falando sobre as consequências da violência na infância. Fala da criança que não come, que dorme com barulho, que briga. Fala da criança que ela era. E isso faz com que ela revise aquele passado, mas de um outro lugar. O lugar de quem pode ajudar e mudar o presente das crianças, como não fizeram com ela.

Júlia Steffen (1996) é artista visual, designer e produtora cultural. É natural da cidade de Florianópolis (SC), onde trabalha e reside. É Mestre em Design (2022) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduada em Design (2019) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Como artista visual, desenvolve estudos e projetos sobre “ser mulher”, principalmente no que concerne à violência contra a mulher, em diversas áreas, como a escrita, colagem, audiovisual, desenho e pintura. Desde 2013 participa de exposições coletivas e individuais. Suas últimas exposições individuais foram “A Marca é Para Sempre” (2023), na Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti e “100 mulheres – 5 perguntas”, na Reitoria da UFSC (2023), ambas na cidade de Florianópolis.

Nos últimos anos, foi contemplada com os seguintes prêmios e editais: Edital Circuito Catarinense de Cultura - PNAB 2024 com o projeto “Filhos da Violência”; Prêmio de Mérito Cultural SC – Edição Especial Lei Paulo Gustavo

2023; Prêmio de Incentivo à Cultura Elisabete Anderle – Edição 2022 com o projeto “Da dor à luta: histórias de mulheres sobreviventes da violência”; e Edital Aldir Blanc do Estado de Santa Catarina 2021 com o projeto “100 mulheres – 5 perguntas”.

(48) 99671-5436

@julia_steffen

www.juliasteffen.art

juliasteffenmuniz@hotmail.com

*Este livro foi composto com a fonte Baskerville,
por Maria Luíza Amorim em Florianópolis/SC e
impresso na Gráfica Rocha, em Palhoça/SC em
Polén Bold 90 g/m², em outubro de 2025.*

